

UFSM

Dissertação de Mestrado

O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO DE SUA
SANTIDADE – O DALAI-LAMA

Carla Callegaro Corrêa Kader

PPGL

Santa Maria, RS, Brasil

2005

**O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO DE
SUA SANTIDADE - O DALAI-LAMA**

por

Carla Callegaro Corrêa Kader

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Lingüísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Letras.**

PPGL

Santa Maria, RS, Brasil

2005

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Curso de Mestrado em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO DE SUA SANTIDADE –
O DALAI-LAMA**

Elaborado por
Carla Callegaro Corrêa Kader

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras

Comissão Examinadora:

Nina Célia Almeida de Barros
(Presidente/Orientadora)

Adair Bonini

Marcos Gustavo Richter

Santa Maria, maio de 2005.

Dedico este trabalho a minha família que sempre mostrou os melhores caminhos para a realização dos meus sonhos. Em especial a Nêda Erci e a Flor pelo seu carinho de mãe e avó. Aos meus três mosqueteiros, Jamal, Fabrício e Rafael, todo o meu amor, agradecimento e admiração. Faço de vocês, a minha realização.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria, Rs, Brasil

O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO DE SUA SANTIDADE – O DALAI-LAMA

Autora: Cárla Callegaro Corrêa Kader
Orientadora: Profa Dra. Nina Célia Almeida de Barros

Este trabalho tem por propósito descobrir como o escritor se relaciona com o público leitor e quais as estratégias de persuasão adotadas por ele em um livro de auto-ajuda espiritual. Leva em conta a perspectiva de Askehave (2004), que considera o livro de auto-ajuda espiritual como gênero e parte da definição de Bakhtin (1992), que salienta a recorrência de traços temáticos, composicionais e estilísticos para caracterizar um gênero. A pesquisa sobre o tema dos livros de auto-ajuda espiritual levou à discussão sobre modernidade e pós-modernidade e às características do budismo. Para reflexão sobre o homem moderno e pós-moderno foram utilizados os estudos de Dumont (1985), Smart (1993), Bauman (1998) e Chagas (2001, 2002). Para contribuir com a descrição dos aspectos composicionais, selecionamos Eggins (1996) e Askehave (2004), que têm modelos de segmentação para análise do livro inteiro e para os textos que o compõem. Em Charaudeau (2002) encontramos o suporte para a descrição das técnicas que revelam o estilo do escritor. Complementando o modelo de Charaudeau, utilizamos Kopple (1985), Fairclough (1994), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), Reboul (2000) e Neves (2000). Os resultados da análise apontam para o escritor como uma figura simples e ao mesmo tempo conhecedora das carências humanas, dirigindo-se a um leitor que busca a felicidade e a paz interior. Os temas, ao longo da análise, relacionaram-se às Dez Perfeições budistas e à situação de submissão do Tibete à China. Através da análise dos textos, percebeu-se um autor contrário à rapidez, ao materialismo e ao individualismo da vida moderna e pós-moderna, orientando o leitor a colocar o Outro como alvo das ações individuais. O diálogo entre religiões foi percebido através das pregações à prática da compaixão, da bondade, do amor ao próximo, da paciência, do perdão. A atribuição de títulos às mensagens e de rótulos aos segmentos textuais possibilitou verificar os procedimentos usados pelo autor para divulgar seus

princípios. Na apresentação de conceitos, visões e orientações espirituais, destacaram-se as recontextualizações e as metáforas. Quanto às estratégias discursivas, o autor utiliza procedimentos diferentes para aproximar-se e distanciar-se do seu público.

Palavras-chave: auto-ajuda espiritual, estratégias de persuasão, contrato comunicacional.

ABSTRACT

Master Thesis
Post-Graduation Program in Language
Federal University of Santa Maria, RS, Brazil

THE INTER-RELIGIOUS DIALOGUE OF YOUR HOLINESS – DALAI-LAMA

Author: Cárla Callegaro Corrêa Kader
Advisor: Prof. Dr. Nina Célia Almeida de Barros

This study aims to find out how the writer relates to the reader and which are the strategies of persuasion adopted by him in a book of spiritual self-help. Taking into account the perspective of Askehave (2004), that consider the spiritual self-help as a genre and starting by the definition of Bakhtin (1992), who emphasizes the regularity of thematic, compositional and stylistic traces to characterize a genre. The research about the theme of spiritual self-help took into discussion the modern and post-modern topics and the characteristics of Buddhism. To the reflexion of the modern and post modern man, it was used the studies of Dumont (1985), Smart (1993), Bauman (1998) and Chagas (2001, 2002). To contribute with the description of the compositional aspects, it was selected Eggins (1996) and Askehave (2004), that have models of segmentation for the analysis of a whole book or to the texts that make part of it. In Charaudeau (2002) it was found the support for the description of the techniques that reveal the style of the writer. To complete the model of Charaudeau (2002), it was used Kopple (1985), Fairclough (1994), Perelman and Olbrechts-Tyteca (1996), Reboul (2000) and Neves (2000). The results of the analysis showed a writer as a simple person and at the same time the one who knows the human needs, addressing to a reader that searches for happiness and interior peace. The themes through the analysis were revealed as related to the Buddhism's Ten Perfections and to the situation of submission of Tibet to China. Through the analysis of the texts, it was noticed an author that was against the speed, the materialism and the individualism of modern and post modern life., advising the reader to put the Other as the target of the individual actions. The dialogue among religions was noticed through the preaching of the practice of compassion, kindness, love to the other, patience and forgiveness. To analyse the way of the organization of the texts, the attribution of titles to the messages and to the textual segmentations made possible to verify the procedures used by the author to spread his principles. In the presentation of concepts, vision and spiritual orientations, it was verified the

recontextualization of strategies and metaphors. In the application of Charaudeau's model related to the discursive strategies of the subject, it was noticed that the author uses different procedures of getting closer and farther of the audience.

Key-words: spiritual self-help, strategies of persuasion, communicational contract.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 2 – REVISÃO DA LITERATURA	3
2.1 O contexto do <i>corpus</i> de estudo	4
2.1.1 Tibete, Dalai-Lama e budismo	4
2.1.2 Modernidade e pós-modernidade	7
2.1.3 O movimento <i>New Age</i>	12
2.2 Gênero: tema, composição e estilo	13
2.3 Gênero: partes componentes	14
2.3.1 Prefácio	14
2.3.2 Agradecimento	16
2.3.3 Lições de vida ou textos de aconselhamento	17
2.4 Gênero: modelos de análise	17
2.5 O contrato de comunicação e as competências do sujeito ..	18
2.6 Estratégias discursivas do sujeito	21
2.7 Recursos estilísticos do sujeito	23
2.7.1 Recontextualização de palavras	24
2.7.2 Figuras retóricas	26
2.7.3 Relações condicionais	28
2.7.4 Pronomes	29
2.7.5 Marcadores metadiscursivos	31
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DE ANÁLISE	33
3.1 Seleção do <i>corpus</i>	33
3.2 Seqüência de análise	34
3.2.1 Composição textual: a organização global do livro	34
3.2.2 Composição textual: as partes dos textos do livro	35
3.2.3 Estratégias discursivas e recursos estilísticos	36
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
4.1 Textos de introdução e de conclusão	38
4.1.1 Prefácio	38
4.1.2 Agradecimento	40
4.1.3 Optação	43
4.2 Textos de desenvolvimento: lições ou aconselhamentos	45
4.2.1 Desenvolvimento de conceitos fundamentais	45
4.2.2 Avaliações sobre a sociedade	61
4.2.3 Instruções e exemplos para o aperfeiçoamento pessoal e da sociedade	70
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

A multiplicação dos títulos de auto-ajuda nas prateleiras das livrarias despertou o nosso interesse em verificar como se organiza um livro dessa categoria. Para atingir esse objetivo, consultamos o *site* da Livraria Siciliano, que contém considerável catálogo de livros na internet. Na seção de auto-ajuda, estavam enquadrados assuntos como alquimia, anjos, astrologia, budismo, cabala, cristais, espiritualismo, medicina alternativa, etc. Delimitamos então o campo de pesquisa, em busca de um *corpus* de análise, unindo “auto-ajuda” e “budismo”. Da união, escolhemos *O caminho da tranquilidade*, de Sua Santidade, o Dalai-Lama. Levando em consideração a importância do Dalai-Lama no budismo, buscamos descobrir como o escritor se relaciona com o público leitor e quais as suas estratégias de persuasão.

Salientamos que temos consciência de que o livro é uma tradução, e a análise das estratégias e das marcas lingüísticas da argumentação seriam afetadas por esse processo. Mas é pela tradução que o público leitor brasileiro tem acesso às lições de vida ensinadas pelo Dalai-Lama; por isso, o livro traduzido foi escolhido como *corpus* de análise.

Como esse trabalho está inserido no campo da análise de gênero, buscamos fontes de pesquisa nessa área para dar suporte à descrição do *corpus*. Adotamos a perspectiva de Askehave (2004), que considera o livro de “auto-ajuda espiritual” como um gênero. Partimos da definição de gênero de Bakhtin (1992), que salienta a recorrência de traços temáticos, composicionais e estilísticos para caracterizar um gênero.

A pesquisa sobre o tema dos livros de auto-ajuda espiritual levou à discussão sobre modernidade e pós-modernidade e, mais especificamente, às características do budismo. O homem moderno e pós-moderno foi caracterizado por Dumont (1985), Smart (1993), Bauman (1998) e Chagas (2001,2002), cujos pontos de vista foram aqui adotados.

Para contribuir com a descrição dos aspectos composicionais, selecionamos Eggins (1996) e Askehave (2004), que têm modelos de segmentação tanto do livro inteiro como de cada um dos textos que compõem o livro.

Em Charaudeau (2002) encontramos o suporte para a descrição das técnicas que revelam o estilo do escritor. Complementando o modelo de Charaudeau, utilizamos Kopple (1985), Fairclough (1994), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), Reboul (2000) e Neves (2000).

Assim, a presente pesquisa está voltada para a observação e a descrição do funcionamento do discurso escrito de um contexto particular, mais especificamente de textos de auto-ajuda espiritual. Para abordar tais questões, este estudo apresenta-se dividido em quatro capítulos, organizados a partir desta introdução, onde estão expostos os propósitos do trabalho.

O Capítulo 2 apresenta o referencial teórico sobre gênero: tema, composição e estilo, contrato de comunicação e as competências do sujeito. Ainda dentro deste capítulo, trataremos do contexto histórico dos textos estudados, esclarecendo algumas questões sobre o budismo e a situação política do Tibete e fornecendo informações sobre a história do Dalai-Lama.

O Capítulo 3 descreve a metodologia de análise do gênero livro de auto-ajuda espiritual, destacando os critérios de seleção, coleta e análise dos dados do *corpus*.

O Capítulo 4 apresenta o resultado da análise dos textos e a discussão dos dados obtidos. O último capítulo apresenta as considerações finais, as limitações do trabalho e sugestões para futuras pesquisas.

CAPÍTULO 2 – REVISÃO DA LITERATURA

Este trabalho tem por objetivo analisar a organização de um livro de auto-ajuda espiritual, considerado aqui como um gênero textual. A fim de alcançar esse propósito, seguimos algumas orientações metodológicas sugeridas por Bazerman (2005:44-46) para definir e realizar uma investigação sobre gênero:

- Enquadre seus propósitos e questões para delimitar o seu foco – por que você está envolvido nessa pesquisa? Que perguntas você espera responder com ela?
- Defina seu *corpus* – identifique os textos ou coleções específicas que você quer examinar;
- Selecione e aplique suas ferramentas analíticas – escolha instrumentos apropriados para examinar as consistências e variações das características, funções ou relações em toda a coleção.

O que motivou a realização da pesquisa foi a constatação do crescimento constante dos livros com conselhos para viver melhor. O título do livro de Samuel Smiles, “Self-Help”, inaugurou e deu nome às publicações de auto-ajuda, em 1859, mais de um século antes do chamado *boom* de vendas desse gênero (Folha de S. Paulo: 2004). Como destacamos na introdução, a escolha do *corpus* cruzou, em um *site* de livraria, as informações “auto-ajuda” e “budismo”. Em busca de referencial teórico de suporte, encontramos a designação estabelecida por Askehave (2004): “livro de auto-ajuda espiritual”.

Com base na designação, as perguntas a serem respondidas no trabalho são: a) Qual a estrutura de um livro de auto-ajuda espiritual? b) Como se dá o processo de comunicação entre um escritor e um leitor de um livro de auto-ajuda espiritual? c) Como o escritor apresenta os conceitos fundamentais

que são a base de seus conselhos? d) Como são vistas pelo escritor as inter-relações entre auto-ajuda, espiritualidade e religião?

O *corpus* definido é *O caminho da tranqüilidade*, do monge budista Tenzin Gyatso, o Dalai-Lama, guia espiritual que acumula a função de chefe político do Tibete. Como a influência de correntes orientais é considerada uma das características da pós-modernidade, houve o interesse de verificar como se efetua essa comunicação com os ocidentais.

O terceiro passo da investigação de gênero, selecionar e aplicar as ferramentas analíticas, foi igualmente seguido: a partir da definição de gênero de Bakhtin, buscamos um modelo de análise que previsse categorias capazes de descrever a atividade de comunicação entre interlocutores, aplicando-o, especificamente, à atividade de aconselhamento espiritual para auto-realização. Para analisar a organização do livro, adotamos Swales (1991) e Eggins (1994). Para descrever elementos da atividade comunicacional, selecionamos Charaudeau (2002), que contempla um conjunto de conceitos aplicáveis ao *corpus* em estudo.

Neste capítulo, apresentamos, em primeiro lugar, o contexto sociocultural dos textos que fazem parte de *O caminho da tranqüilidade*.

2.1 O contexto do *corpus* de estudo

2.1.1 Tibete, Dalai-Lama e budismo

O Tibete teve sua história marcada por conflitos com a China, que tiveram início durante a dinastia chinesa Tang (618-906 d.C.) e se prolongaram até a época contemporânea. Em 1950, o Tibete foi tomado pelas forças comunistas chinesas. A sua ocupação foi marcada pela destruição de mosteiros, pela opressão religiosa, pelo fim da liberdade política e pelo aprisionamento e assassinato de civis.

Apesar de serem dominados pelos chineses, os tibetanos continuaram a cultuar seu líder espiritual, a quem chamam de Sua Santidade. O líder atual foi

reconhecido pelos monges, aos dois anos, como a reencarnação do Dalai-Lama, autoridade máxima do budismo tibetano. Após uma rigorosa preparação, que incluiu o estudo do budismo, de história e filosofia, o Dalai-Lama assumiu o poder político em 1950, ano em que o Tibete foi ocupado pela China. Em 1959, depois do fracasso de uma rebelião nacionalista contra o governo chinês, exilou-se na Índia e viaja pelo mundo para tentar obter apoio internacional à independência de seu país.

Nesses 40 anos de exílio, o governo do Dalai-Lama, sediado no norte da Índia, promoveu a construção de mosteiros, escolas e instituições para preservar a cultura e a religião e também criou programas de assentamento de famílias e de apoio a refugiados. O governo se mantém com a ajuda de vários países e da contribuição voluntária dos Tibetanos espalhados pelo mundo.

O Dalai-Lama já publicou mais de cinqüenta livros. No Brasil, vendeu quase 900 mil exemplares de cerca de 30 títulos nos últimos quatro anos. A felicidade é um de seus temas favoritos. Suas pregações não trazem enfoques inéditos ou reflexões extraordinárias e repetem as mesmas receitas de “desenvolver a compaixão pelos outros”, “limpar a mente de emoções negativas” e “reconhecer que todos têm o mesmo potencial”.

Ele mesmo faz questão de desvincular seu discurso do de um líder meramente religioso. Costuma dizer que seu maior interesse é promover os valores humanos e não converter as pessoas ao budismo.

O budismo, ao contrário da maior parte das religiões, não tem origem em revelação divina. Os ensinamentos de Buda foram conservados por seus discípulos na obra denominada As Três Cestas da Sabedoria, constituindo os livros Sagrados do Budismo. Uma das Cestas contém a Senda da Virtude, livro de provérbios, inteiramente escrito em poesia. Essas máximas baseiam-se na aceitação das orientações intituladas Doze Elos, As Quatro Nobres Verdades, O Ótuplo Caminho e As Dez Perfeições. Os preceitos ensinados em os Doze Elos mostram a origem do sofrimento e o que ocasiona a sua extinção.

A primeira das Quatro Nobres Verdades aponta uma série de fatos, situações e sentimentos geradores de sofrimento. A segunda demonstra que,

tais coisas provêm do desejo, concluindo ser este a causa da dor. A terceira explica que apenas com a aniquilação do desejo cessa o sofrimento. A quarta indica a observância do Ótuplo Caminho para se atingir esse objetivo. O Ótuplo Caminho expõe a maneira correta da crença (isenta da superstição e da ilusão), da resolução, do falar, da conduta, da ocupação, do esforço, da contemplação e da concentração.

As Dez Perfeições consideradas por Buda são: doação, dever, renúncia, discernimento, coragem, paciência, verdade, resolução, carinho e serenidade. O budismo prega a introspecção, a renúncia e a compaixão. Para se obter essas virtudes, antes é necessário alcançar a paz interior. Grande ênfase é dada ao saber, à prática do bem e à extinção do desejo.

A extinção da paixão, o Nirvana, passou a significar a perda da individualidade, a conquista do último estágio evolutivo: a completa liberação de anseios. É um estado de elevação espiritual que abrange os conhecimentos e no qual todos os sentimentos puros se integram como uma condição do ser. Seria, segundo o budismo, o coroamento da perfeição, onde amor e saber, conjuntamente, atingem sua plenitude proporcionando a verdadeira sabedoria.

Buda estabeleceu oito princípios ou Regras de Vida que devem ser observadas pelos seus seguidores. Como é possível observar no Quadro 1, que apresenta os princípios budistas, não há apelo a uma divindade superior. Os princípios centram-se na crença, na palavra e na ação individuais. O budista que seguir os princípios deve ser sempre calmo, sincero, honesto, controlado, e é desencorajado a recorrer ao testemunho de uma autoridade. A razão e a experiência são apresentadas como os seus princípios norteadores.

Essas regras são aqui especificadas para serem comparadas, na fase de análise, às lições ministradas pela autoridade máxima do budismo. Como o livro está catalogado na seção de auto-ajuda, verificaremos de que maneira se dá a relação entre os princípios budistas e a possibilidade de viver melhor.

Quadro 1 – Os oito princípios budistas

1. “A Verdadeira Crença: é a crença de que a verdade é o guia do Homem”;
 2. “A Verdadeira Resolução: ser sempre calmo e nunca fazer dano a nenhuma criatura viva”;
 3. “A Verdadeira Palavra: nunca mentir, nunca difamar ninguém e nunca usar linguagem grosseira ou áspera”;
 4. “O Verdadeiro Comportamento: nunca roubar, nunca fazer nada de que uma pessoa possa mais tarde arrepender-se ou envergonhar-se”;
 5. “A Verdadeira Ocupação: nunca escolher uma ocupação que seja má, tal como falsificação, manejo de coisas roubadas e coisas semelhantes”;
 6. “O Verdadeiro Esforço: procurar sempre o que é bom e afastar-se do que é mau”;
 7. “A Verdadeira Contemplação: ser sempre calmo e não se permitir pensamentos que sejam dominados pela alegria ou pela tristeza”;
 8. “A Verdadeira Concentração: consegue-se quando todas as outras regras forem seguidas e uma pessoa tenha atingido o nível da paz perfeita”.
- Não creiais em coisa alguma pelo fato de vos mostrarem o testemunho escrito de algum sábio antigo;
 Não creiais em coisa alguma com base na autoridade de mestres e sacerdotes;
 Aquilo, porém que se enquadrar na vossa razão e, depois de minucioso estudo, for confirmado pela vossa experiência, conduzindo ao vosso próprio bem e ao de todas as outras coisas vivas;
 A isso aceitai como verdade;
 Por isso pautai vossa conduta!

Fonte: www.mb-soft.com/believe/tto/buddhism.htm> Acesso em 11 mar. 2004.

Para os que se dedicam a estudar livros de auto-ajuda, é comum encontrar, na bibliografia de apoio, uma associação recorrente entre auto-ajuda e pós-modernismo. Para discutir essa relação, faremos uma breve retomada das concepções de modernidade e pós-modernidade.

2.1.2 Modernidade e pós-modernidade

A modernidade, como nova era, anunciou, além de outras coisas, a conquista da autonomia e liberdade individual sob a orientação da razão (Chagas, 2002:21). Sua proposta ideológica é dirigida para o esclarecimento da história da humanidade, para a descoberta da finalidade da idéia de Deus, para o homem e para construção (racional, consciente) de seu mundo – até então divino – na Terra. No período moderno, tem-se, segundo Chagas (2002), um

mundo racional, de conhecimento técnico, desenvolvimento científico e de progresso intelectual; desse modo, para este autor o homem desenvolve seu poder e sua capacidade individual.

O advento da modernidade revela a ruptura com as crenças, tradições e pertencças. Assinala, desse modo, uma nova era mediante um novo estilo de vida, a época das luzes, do triunfo da razão. O marco inicial da modernidade pode ser circunscrito na Renascença, no período da Reforma. O rompimento com o passado pode provocar revoluções em vários setores da vida do homem. Diante desse processo, diz-se que o sujeito moderno substituiu a tradição e a religião pela razão.

Já a pós-modernidade é vista por Smart (1993) como uma ruptura, ou, pelo menos, como um enfraquecimento substancial das convicções, valores e objetivos do iluminismo que informaram o projeto da modernidade.

Segundo Chagas (2002:30-31) a mentalidade pós-moderna contribui, de uma forma ou de outra, para a legitimação, o reconhecimento e a ascensão das promessas de bem-estar e realização pessoal proclamadas pelo mercado da felicidade.

Com a pós-modernidade, a certeza e a ordem comprometida fazem com que o indivíduo busque soluções para os problemas, sobretudo pessoais, implicando mudanças rápidas nos modos de pensar e agir.

As exigências do mundo rápido e fragmentado em que se vive são intensas, e, desse modo, segundo Chagas (2002:30-31), é preciso desenvolver novas formas de estar no mundo, pois só assim será possível acompanhar as rápidas transformações e sobrepujar o mal-estar que advém daí.

O mundo pós-moderno, para este autor, é transitório, veloz e globalizado, um universo que se justifica, sobretudo, pelos ideais de progresso técnico e desenvolvimento econômico e pelas políticas do neoliberalismo. Vive-se diante de um mundo de construções e reconstruções; de um cenário de contradições, conflitos, individualização, competição e paradoxos; fala-se muito em crise mundial, econômica, política, de valores éticos, morais, institucionais e de identidade. Diante desse cenário surgem novos estilos de vida; com eles,

novas estratégias são utilizadas na tentativa de superar as vulnerabilidades e as insuficiências humanas.

Para Chagas (2002:31), na sociedade contemporânea, o que vale para hoje poderá não valer mais para o amanhã, já não se sabe mais o que é do bem, sagrado, ou do mal, profano. Perde-se essa orientação. Tem-se de aprender a lidar com esse sentimento de insegurança para adaptar-se a esse universo repleto de instabilidades.

O indivíduo pós-moderno, então, livre e solitário, não encontra mais um mundo social (externo) estável e seguro e volta-se para si mesmo, para seu mundo imaginário; assim, procura encontrar forças interiores para se auto-ajudar. Os pregadores de auto-ajuda, por sua vez, anunciam as receitas para se viver bem, realizado e feliz (Chagas, 2002:31).

Essas são algumas das razões que, segundo Bauman (1998), “geram a procura sempre crescente dos mestres da experiência”, ou de seus produtos técnicos que possam ajudar a realçar, aprofundar ou intensificar as suas certezas.

Através do auto-aperfeiçoamento, o indivíduo busca intensificar suas habilidades e poderes. As promessas e receitas apoiadas em orientações para a vida são as mais diversas; os indivíduos poderão experimentar cristais, movimentos gnósticos, terapias alternativas e de vidas passadas, seitas esotéricas, cursos de desenvolvimento pessoal, de sucesso na vida e nos negócios, florais e manuais de auto-ajuda.

Em termos de mística pós-moderna, Chagas (2002:33) afirma que a transformação do sentimento transcendental do homem não nega a crença em Deus, mas a sua relação com ele. Essa discussão tem relação direta com sistemas de auto-ajuda que, em uma de suas vertentes, sustenta a idéia de que Deus está dentro de cada indivíduo.

Os livros de auto-ajuda são exaltados por uns e abominados por outros e conquistaram grande parte do mercado editorial brasileiro, garantindo posições entre os *best-sellers*, em quase todos os países do mundo.

Os temas preferidos dos escritores de livros de auto-ajuda são os mais variados: como fazer amigos e influenciar pessoas, como desenvolver o poder infinito da mente, como alcançar a realização plena, como pensar positivamente e tantos outros.

A análise do conteúdo dos textos de auto-ajuda permite uma reflexão a respeito do imaginário social individualista da ética contemporânea, da proposta de autonomia e liberdade individual, de como o homem pós-moderno procura adequar-se aos ideais do mundo capitalista para alcançar o sucesso e a realização pessoal, além de que autoriza uma reflexão crítica sobre os efeitos e conseqüências para vida individual e comunitária (Chagas, 2001:21).

Dumont (1985:37), a partir de seus estudos sobre as sociedades tradicionais – de modo específico sobre a Índia antiga, tradicional – aponta para duas distinções relativas às sociedades antigas: (1) a sociedade era holista, ou seja, cada indivíduo vivia diante de uma interdependência estrita, imposta (pelo exterior) pelo coletivo; (2) surgiu a figura do indivíduo “renunciante”, aquele que se recusa a viver coletivamente, abdicando de suas posições e passando a dedicar-se ao seu destino e progresso particulares. Segundo este autor o indivíduo não poderia viver de modo autônomo (livre) e em coletividade e a sua absoluta independência dependeria fundamentalmente da renúncia, seria uma libertação das imposições coletivas, para ir em busca da descoberta do eu.

Dumont (1985:20-21), propondo uma genealogia da ideologia individualista, destaca uma distinção importante entre aquele indivíduo da Índia tradicional e o indivíduo atual: o primeiro, para ir em busca de seu destino próprio e alcançar seu progresso individual, teria de abandonar o coletivo; já o segundo vive esse fenômeno, com uma certa diferença: ele vive no coletivo, pois, é na sociedade que ele procura desenvolver-se individualmente; porém, para ocupar esta posição e se ajustar, o indivíduo atual precisa transcender ao social. Sendo assim, procura encontrar meios próprios (individuais) oferecidos pela cultura na tentativa de dar conta de si, de seu eu, enfim, para se manter no social de maneira estritamente individual.

Segundo Dumont (1985) o homem perde a orientação característica das sociedades tradicionais; com o desenvolvimento do individualismo, porque cada indivíduo busca a sua própria orientação. Sendo assim, para este autor, uma das condições incorporadas pela autonomia do sujeito é a busca em si mesmo de forças interiores, para auto-ajudar-se. Isso quer dizer que o sujeito deve buscar em si mesmo os recursos necessários para conduzir-se na vida, de tal modo que possa conseguir, pelas suas forças interiores e vontades individuais, alcançar seus objetivos a realização pessoal, a felicidade.

Para Chagas (2001) os conteúdos da literatura de auto-ajuda mostram como essa condição pode ser alcançada. Servem, dentre outras coisas, para proporcionar ao sujeito a esperança de poder, um dia, alcançar a realização pessoal. Na mesma proporção, os mestres pregadores da auto-ajuda procuram deixar seus leitores informados de que essa condição somente será possível se o sujeito realmente encontrar esses recursos que lhe são próprios e individuais. Sendo assim, depende unicamente deles e de mais ninguém. Nesses termos, pela crença nos princípios do *achievement*, é que suas posições sociais são conquistadas e adquiridas individualmente através de suas capacidades individuais e inteligência pessoal (Chagas, 2001: 26).

A literatura de auto-ajuda, conhecida como psicologia popular, é usada, nos dias atuais, fundamentalmente, como auxílio e guia de incentivos e orientação para vida de muitas pessoas. Bauman (1998:221) afirma que os homens e mulheres pós-modernos necessitam do alquimista que possua poder suficiente para transformar a incerteza de base em auto-segurança. Esses mestres (gurus) procuram demonstrar o poder que possuem pelo conhecimento superior adquirido e o privilégio que fora negado aos demais. É como se eles possuíssem a pedra filosofal. Atuam como guias de orientação, guias de conduta. Eles teriam, nesse caso, o dom de provocar em cada um de nós um desejo intenso de sermos reconhecidos, identificados e amados.

Essa busca pela felicidade duradoura presente encontra-se na temática escolhida pelo Dalai-Lama no *corpus* selecionado, e provavelmente os leitores-alvo de seu livro busquem atingir o desejo do próprio autor de “desenvolver

aquela generosa paz de espírito que é a chave da felicidade verdadeira” (Dalai-Lama, 2000:7).

Outros autores associaram os livros de auto-ajuda com um movimento específico das décadas de 70 e 80, o *New Age*, como é o caso de Askehave (2004), o que veremos a seguir.

2.1.3 O movimento *New Age*

Em seu artigo de 2004, Askehave buscou estabelecer as relações entre o discurso dos livros de auto-ajuda espiritual e a ideologia do movimento denominado *New Age*, que surgiu na segunda metade dos anos 70 e desenvolveu-se completamente nos anos 80. O Nova Era inclui uma série de diferentes práticas que evoluíram em diversas partes do mundo. As expressões do movimento estão unidas por uma oposição comum à visão não-holística da cultura ocidental, este movimento opõe-se à distinção entre Deus e Homem, entre Espírito e Matéria e à tendência à fragmentação da sociedade moderna ocidental, onde os indivíduos, as instituições religiosas ou países tornam-se alienados pelo todo (Askehave: 9).

Definindo ideologia como um conjunto de crenças, valores e conceitos que formam a base de uma visão completa da vida humana e da sociedade, Askehave (2004:9-13) apontou vários elementos que compõem a ideologia do Nova Era:

- holismo – o todo é maior que a soma de suas partes;
- monismo – há só uma realidade e não, por exemplo, uma realidade física e uma psíquica;
- Eu Superior – é uma entidade semelhante a Deus, que está dentro dos seres humanos, que supostamente lhes dá poder, amor e sabedoria ilimitados;

- potencial criador e a auto-responsabilidade – os humanos, e não um Deus externo, são os criadores do universo e são responsáveis por criar sua própria realidade;
- reencarnação – tem o propósito de fazer evoluir espiritualmente o eu superior até finalmente atingir o nível espiritual mais alto;
- carma – relacionado à reencarnação, o carma significa que o indivíduo está preso a circunstâncias particulares de vida escolhidas pelo Eu Superior. Se, em vidas passadas, o Eu Superior foi feliz, a próxima vida pode ser um pouco mais complicada, porque as coisas tendem a ser balanceadas em outras vidas.

Na fase de análise, veremos como o Dalai-Lama define ou redefine alguns desses conceitos, especialmente o de “carma”.

Após esses dados sobre o contexto histórico em que se insere a obra a ser aqui analisada, revisaremos alguns conceitos sobre gênero e suas aplicações.

2.2 Gênero: tema, composição e estilo

O termo *gênero*, usado em lingüística, tem sido associado originalmente ao trabalho de Bakhtin. Para o autor,

uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico (1992: 284).

Bakhtin ainda salienta que estão indissociavelmente vinculados o estilo, os temas e as unidades de composição, como o tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal e tipo de estruturação e de conclusão de um todo.

Várias concepções de gênero seguiram-se à de Bakhtin. Por exemplo, segundo Swales (1991:58), um gênero compreende uma classe de eventos

comunicativos, cujos membros partilham um conjunto de propósitos comunicativos. Além dos propósitos, exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência.

Utilizando a terminologia de Bakhtin, pode-se dizer que o caso em estudo refere-se a uma função ideológica, com base em crenças orientais, e condições específicas para a comunicação verbal entre um líder espiritual e seus seguidores que geram os livros de auto-ajuda, enunciados relativamente estáveis do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

Enfatizamos que o *livro de auto-ajuda* é visto aqui como um gênero, adotando a proposta de Askehave (2004:7). E a análise dos diferentes textos do livro vai justamente explorar os *temas* mais freqüentes, as formas de *composição* da mensagem e o *estilo* de uma fonte determinada de informação: o Dalai-Lama.

Uma primeira leitura de *O caminho da tranqüilidade* detectou uma característica estrutural do livro: ele se compunha, claramente, nas três partes fundamentais – introdução, desenvolvimento e conclusão – de outros gêneros já comentados na literatura. Na introdução, havia um prefácio e um agradecimento, este último reforçado na conclusão. Todo o desenvolvimento era constituído de “lições de vida” ou “textos de aconselhamento” sobre diversos temas. Por essa razão, incluiremos aqui algumas informações sobre esses gêneros.

2. 3 Gênero: partes componentes

2.3.1 Prefácio

Em relação à composição textual de *O caminho da tranqüilidade*, apenas o primeiro texto recebeu um título, o prefácio. Assim, levantaremos neste trabalho algumas características dessa parte do livro.

A idéia que a palavra "prefácio" transmite, pelo étimo a que se prende, pode não coincidir com o uso que é dado à realidade que ele representa. O

prefácio (do latim = *prae-fatio*) designaria aquilo que foi feito para introduzir algo que vem depois de si. Sua relação de proximidade com o prólogo (do grego = *prologo*, via latim = *prologu*) é de natureza sinonímica, tendo em vista que ambas as palavras queriam designar a mesma função introdutória.

Os prefácios têm um valor normalmente autônomo, em relação à obra em que eles se inserem. O autor recorre ao prefácio para determinar o conhecimento intencional depositado no material produzido, seu conjunto de técnicas, seus procedimentos práticos, sua função de realização no todo ou em partes da obra (Giusti: 2004).

Aristóteles, na sua *Arte Retórica* (Livro III, cap. XIV) desenvolve uma primeira teorização sobre o prefácio. Ao falar do exórdio, determina-lhe conceitos e funções que, adaptando-se às medidas particulares, são transferíveis para todos esses "discursos introdutórios". Como conceito operacional, os prefácios são vistos por Aristóteles como "discursos demonstrativos" (III, § 1). Nesta noção cabe a metalinguagem aristotélica que afirma serem os prefácios: "começos que, por assim dizer, abrem o caminho do que vai seguir".(III,§1); "cabeça ao discurso, que é uma espécie de corpo" (III, § 8).

A observação levou Aristóteles a delimitar certas finalidades do exórdio que poderiam servir como funções para caracterizar a funcionalidade geral do prefácio: função demonstrativa, sinestésica, pertinente, topológica e didascálica. A função demonstrativa indica o assunto a ser tratado no corpo da obra de modo sintético, objetivando os propósitos da obra e do autor. No dizer de Aristóteles, essa seria "a função mais indispensável".

A função sinestésica procura "alcançar a docilidade" do leitor, ou "obter a benevolência" (III, § 7); há prefácios que se configuram numa espécie de persuasão. O objetivo é conquistar a atenção do leitor para o ângulo de visão do autor. É uma forma de instituir uma adequação entre emissor e receptor no que diz respeito à mensagem que se estabelece na obra. Denomina-se de função sinestésica pelo fato de que o autor do prefácio busca estabelecer um campo univisual da percepção da obra, que se identifique com o seu.

Na função pertinente, encontra-se um traço que distingue o que se diz no prefácio e o que está dito na obra. Entre esses dois discursos, existe uma diferença: o ser da ficção (obra literária) e o ser do prefácio (discurso paralelo). O prefácio não quer ser a ficção e, conseqüentemente, dela se acha localizado numa posição externa, fora da ficção. Este é um traço distintivo, pertinente. A importância desse caráter (importância = pertinência) gera a autonomia do prefácio.

Na função topológica, o uso retórico do prefácio na prosa se constitui num hábito tradicional. A sua função como discurso introdutório o torna uma redundância ao todo da narrativa que, por si mesma, exige uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

Na função didascálica, encontramos os prefácios que, gratuitamente, se pretendem peças de Crítica Literária, muito embora estejam desprovidos de elementos de juízo que determinem um valor da obra a qual se vinculam. Para formalizar um objeto, deve-se observar o seu modo de ser, o modo de utilização do prefácio é que determina sua função.

Todas as funções apresentadas podem atuar isolada ou simultaneamente nos prefácios. A atuação dessas funções será mais completa à medida que tornar o prefácio satisfatório ao leitor, abrindo-lhe caminhos para leituras, mantendo seu limite de "discurso paralelo", além de provocar uma integração entre texto e prefácio.

2.3.2 Agradecimento

Em trabalhos científicos e livros, o agradecimento constitui-se em um elemento opcional. Pode-se agradecer a todas as pessoas e entidades que, de uma forma ou de outra, colaboraram na realização do trabalho, estudo ou livro. O agradecimento normalmente é breve, indicando, se o autor assim quiser, o motivo do agradecimento. O modo de fazer essa página fica a critério do autor, incluindo em suas escolhas a forma, o tipo de letra, o uso ou não de molduras e os espaços (ABNT, 2004:45).

2.3.3 Lições de vida ou textos de aconselhamento

Os textos de aconselhamento “orientam o sujeito na direção da completude do ser” (Chagas, 2001:104), valem-se da crença na existência de forças interiores, dizem da possibilidade da realização pessoal e do encontro consigo mesmo, com a felicidade, enfim, de acabar com a falta de alguma coisa. Dessa maneira usam os mais diversos recursos, afirmando que o leitor tem de acreditar e aceitar os valores ou conselhos do autor como verdadeiros, e, assim, poderá atingir a felicidade e a tranqüilidade tão desejadas. Segundo Chagas (2001:107) como no marketing, o discurso do aconselhamento traz, em sua ética, a promessa da completude, na mesma ordem do discurso religioso, privilegia o todo, onde se tenta preencher a falta. Verifica-se aí o alargamento da comunicação, ou seja, através da argumentação para um auditório universal, pretende-se atingir um público específico, o dos carentes, problemáticos ou sofredores dos males do mundo.

2. 4 Gênero: modelos de análise

Ao estudar a organização do artigo científico, Swales (1994:140-141) estabeleceu um modelo de análise para a introdução do artigo, a que chamou de CARS (Create a Research Space). Dividiu a introdução em 3 movimentos e cada um dos movimentos, por sua vez, em passos. O primeiro movimento – estabelecer o território – poderia ser dividido em 3 passos: 1) reivindicar centralidade e/ou 2) fazer generalizações e/ou 3) revisar tópicos de pesquisa prévia. O segundo movimento – estabelecer um nicho – compreenderia os passos: 1A) contra-reivindicar ou 1B) indicar uma brecha ou 1C) levantar uma questão ou 1D) dar continuidade à tradição. O terceiro movimento – ocupar o nicho – incluiria os passos: 1A) Levantar objetivos ou 1B) anunciar a presente pesquisa; 2) anunciar os principais resultados; 3) Indicar a estrutura do artigo.

Com base nesse modelo de análise de introduções de artigos acadêmicos, formaram-se outros, aplicáveis a diferentes partes de textos ou a outros gêneros. Um dos exemplos a ser aqui trabalhado foi o modelo usado por Eggins (1994) para análise de gêneros, que atribui rótulos aos segmentos textuais, de acordo com suas diferentes funções em relação ao texto como um todo. O outro exemplo foi o modelo usado por Askehave (2004) para estudar a organização das lições dos livros de auto-ajuda. No terceiro capítulo, o da metodologia de análise, as abordagens de Eggins e Askehave, baseadas em Swales, vão ser desenvolvidas.

Uma vez adotadas essas abordagens para descrever os segmentos que compõem o texto de auto-ajuda espiritual, buscamos uma abordagem que respondesse à pergunta de pesquisa relativa ao modo como se processa a comunicação entre escritor e leitores desses livros. Em Charaudeau (2002) encontramos especificações relativas a contratos comunicacionais, competências do sujeito.

2.5 O contrato de comunicação e as competências do sujeito

Para Charaudeau (2002:309), falante e ouvinte ligam-se por um contrato que permite que um entenda o outro. Esse contrato tem a função de restringir os procedimentos de produção e interpretação do ato de comunicação, permitindo, ao mesmo tempo, que os participantes construam, conjuntamente, o sentido da interação.

Durante um contrato de comunicação, os sujeitos ativam as seguintes competências: comunicacional, discursiva, semântica e semiolingüística. Cada uma delas representa uma habilidade dos participantes do ato comunicativo, que podem ser esquematizadas conforme se vê no Quadro 2.

Quadro 2 – Competências do sujeito

Competências do sujeito	Comunicacional	Identidade Objetivos Conteúdo envolvido Circunstâncias materiais
	Discursiva	Enunciativa Narrativo-descritiva Argumentativa
	Semântica	Crença Conhecimento
	Semiolingüística	Composição textual Construção gramatical Adequação lexical

Fonte: elaborado a partir de Charaudeau, 2002:303-307.

Através da *competência comunicacional*, o participante é capaz de reconhecer as características particulares da situação de comunicação, isto é, a identidade dos participantes, o objetivo, o conteúdo e as circunstâncias materiais que envolvem a interação (Charaudeau:303-305):

- A *identidade* determina “quem fala para quem”, levando em consideração o *status*, o papel social e o lugar ocupado na relação comunicativa. A legitimidade do participante é julgada de acordo com a suas qualificações que justificam o “direito de falar”.
- O *objetivo* do ato comunicativo é definido pelo modo de responder às questões implícitas: “O que eu vou dizer aqui?” e, simetricamente, “O que eu vou ouvir aqui?”
- O *conteúdo* é o elemento que se relaciona ao princípio de relevância, juntamente com a idéia de que a situação pertence a um domínio temático. Corresponde à forma como “o que é falado” é estruturado.
- As *circunstâncias materiais* envolvem o número de participantes, sua posição em relação um ao outro, o canal de comunicação, o lugar da interação, o momento e qualquer circunstância considerada relevante à constituição da mensagem.

A *competência discursiva* representa a habilidade do sujeito de reconhecer e manipular os procedimentos operacionais da organização discursiva que refletem as delimitações do quadro comunicativo. Essas delimitações consistem em três categorias: enunciativa, descritivo-narrativa e argumentativa (Charaudeau:305).

Os procedimentos enunciativos correspondem à atitude construída pelos falantes, de acordo com os dados da situação comunicativa e também com a imagem que eles querem projetar deles mesmos e com a imagem que eles querem atribuir ao Outro. Os interlocutores estabelecem então o Eu e o Tu do ato enunciativo. Os procedimentos descritivo-narrativos requerem duas capacidades: classificar e avaliar outras pessoas de um modo objetivo e subjetivo; narrar ações do ponto de vista dos vários atores sociais envolvidos. Os procedimentos argumentativos requerem a capacidade de expor a causalidade numa cadeia de eventos e apresentar evidência do que é verdadeiro, falso ou plausível.

A *competência semântica* leva os participantes a lançar mão do conhecimento supostamente partilhado pelos participantes de um ato comunicativo. Charaudeau (Idem:306) distingue dois tipos de informação: a) o conhecimento, que corresponde às percepções e definições mais ou menos objetivas do mundo; b) as crenças, que correspondem aos sistemas de valores, mais ou menos codificados, que circulam na comunidade, provocam julgamentos de seus membros e, ao mesmo tempo, dão aos membros a razão de existir do ponto de vista de sua identidade.

A *competência semiolingüística* consiste na habilidade de os participantes reconhecerem e manipularem a forma dos signos e as regras de sua combinação em relação ao sentido que eles transmitem (Charaudeau: 306). É nesse nível que o texto é construído – texto considerado como o resultado de um ato de fala produzido por um determinado sujeito, numa situação específica, com uma forma particular com limites adequados. A competência semiolingüística requer:

- Conhecimento da composição textual – disposição dos elementos externos (ex.: composição das páginas numa revista, organização em seções, colunas e subcolunas) e internos ao texto (ex.: organização em partes, redes de referências e repetições).
- Conhecimento da construção gramatical – tipos de oração, marcadores lógicos, pronominalizações, verbos modais, adjetivos, etc.
- Conhecimento do uso apropriado do léxico – emprego do léxico de acordo com o valor social que as palavras transmitem.

Para Charaudeau, portanto, o conjunto das quatro competências constitui as condições da comunicação lingüística, formada através de uma inter-relação entre as condições sociais de comunicação, os procedimentos operacionais da organização discursiva, os diferentes tipos de conhecimento e os sistemas de forma – os blocos que constroem o discurso estão, então, encaixados uns nos outros (Idem:307).

2.6 Estratégias discursivas do sujeito

O conceito de estratégia, para Charaudeau, está ligado ao sujeito que é o organizador da mensagem, mesmo que ele não tenha consciência disso. As estratégias discursivas são definidas em relação ao contrato de comunicação.

Segundo Charaudeau (2002:314-316) as estratégias são múltiplas, mas podem ser agrupadas em três categorias, e cada uma delas corresponde a um tipo ação, que não são mutuamente exclusivas, mas diferenciadas pela natureza do objetivo. São elas a *legitimação*, a *credibilidade* e a *captação*.

A legitimação é baseada na necessidade de criar ou reforçar a legitimidade do falante. O falante pode ter algumas dúvidas se o interlocutor lhe concede o “direito de falar”. Assim, o falante deve persuadir seu interlocutor de que seu modo de falar é apropriado para a posição de autoridade que lhe é conferida pelo seu *status* (autoridade institucional) ou pela sua relação com ele

(autoridade natural). Uma vez que a estratégia de legitimação consiste em clamar ou reforçar a posição de autoridade, ela aparece como um discurso em forma de justificativa. A justificativa pode reforçar a posição institucional do sujeito, a posição que lhe atribui um certo conhecimento (como especialista, perito ou cientista) ou um certo poder (como uma pessoa responsável, capaz de tomar uma decisão ou exercer uma sanção). Na retórica, a legitimação é conhecida como *argumento de autoridade*.

A ação de *credibilidade* é baseada na necessidade de o falante ser acreditado, em relação à veracidade do conteúdo do seu discurso ou em relação ao que ele realmente pensa, ou seja, a sua sinceridade. O falante tem que defender a sua imagem pública (o *ethos*) que o leva a responder à pergunta: “Como posso ser levado a sério?” Para fazer isso, o falante pode adotar várias atitudes discursivas, entre elas: uma atitude de *neutralidade*, que o leva a apagar do seu discurso todos os traços de julgamento ou avaliações pessoais; uma atitude de *distanciamento*, que o faz racionalizar e analisar sem paixão; uma atitude de *comprometimento* que o leva a optar (de uma forma mais ou menos consciente) pela escolha dos argumentos e palavras a serem utilizadas, ou pela modalização avaliativa colocada em seu discurso. Esta atitude constrói a imagem do sujeito que “fala com convicção”.

Através da ação de *captação*, o sujeito procura certificar-se de que o seu parceiro nas trocas comunicativas aceita o seu projeto, ou seja, partilha suas idéias, opiniões ou é impressionado ou modificado por elas. O sujeito deve, dessa forma, responder à pergunta: “Como agir para que o outro possa ser impressionado pelo que eu digo?” Para fazer isso, o sujeito pode escolher entre várias atitudes discursivas entre as quais:

- uma atitude *controvertida*, que o faz questionar alguns valores defendidos por outros e aos quais o interlocutor poderia aderir. A questão aqui é de como “destruir um adversário”, não somente questionando suas idéias, mas também a sua pessoa.

- uma atitude de *dramatização*, na qual o sujeito enfeita os fatos com histórias dramáticas, múltiplas analogias, comparações, metáforas, etc. Essa forma de falar apóia-se mais em crenças do que em conhecimento, porque a questão aqui é apresentar certos valores ou certificar-se de que as emoções do falante são partilhadas.

As estratégias discursivas discutidas por Charaudeau referem-se a qualquer tipo de comunicação entre dois participantes, e sua utilização servirá, neste trabalho, para dar suporte à análise da comunicação entre o Dalai-Lama e seus seguidores, que buscam formas de resolver seus problemas existenciais.

Complementando a revisão da literatura, anexamos aqui uma seção denominada “Recursos estilísticos do sujeito”, para incluir contribuições de autores diversos que podem ser enquadradas na “competência semiolingüística” discutida por Charaudeau. Após exame inicial do *corpus*, foi destacado o emprego recorrente de um material lingüístico que vai ser a seguir especificado.

2.7 Recursos estilísticos do sujeito

Nesta seção, delimitamos algumas possibilidades de uso da linguagem para atingir os objetivos do sujeito-escritor de legitimar sua autoridade, dar credibilidade ao que prega e captar a atenção e respeito do leitor.

Em sua análise dos livros de auto-ajuda espiritual, Askehave (p. 13-15) examina características lingüísticas desse gênero que parecem ser significativas para as manifestações discursivas da ideologia do movimento *New Age*. Dentre elas estão a recontextualização de palavras e as figuras retóricas, como metáforas, personificações e parábolas.

Examinaremos, em primeiro lugar, a importância da recontextualização ou redefinição das palavras para os textos de auto-ajuda. Às figuras

destacadas por Askehave, acrescentamos outras identificadas em investigação prévia do material de análise.

2.7.1 Recontextualização de palavras

Askehave (2004, 14-15) considera que a manipulação estratégica do significado das palavras, ou seja, o modo como o autor de auto-ajuda redefine e recontextualiza as palavras para permitir uma interpretação espiritual constitui-se numa característica recorrente dos livros de auto-ajuda. O autor usa o texto para redefinir os “sentidos de dicionário” de uma palavra, acrescentando-lhe qualidades ou sentidos novos.

Por exemplo, em seu sentido de dicionário, “render-se” significa “ser obrigado a ceder ao inimigo”; portanto, tem um sentido negativo, é um sinal de derrota. Nos livros de auto-ajuda, entretanto, “rendição” torna-se um processo espiritual positivo, em que a pessoa pára de ouvir o seu *ego* e deixa de resistir, entrega-se às lições de vida apresentadas no livro. Com a recontextualização, a palavra passa a adequar-se às crenças do movimento Nova Era: você se rende porque estar em controle é mau para você (Askehave:15).

A redefinição é um procedimento recorrente do livro que vai ser aqui analisado. Os textos exploram o sentido de várias palavras, modificando ou ampliando o seu sentido original. Na verdade, identificar elementos que são o próprio objeto do discurso é uma técnica argumentativa. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996: 239), há quatro espécies de definições que levam à identificação do que é definido com o que o define: descritivas, normativas, condensadas e complexas.

As definições descritivas indicam o sentido conferido a uma palavra em certo meio, num certo momento. Para Reboul (2000:172), essas definições podem ser verdadeiras (se descreverem o uso) ou falsas (se não descreverem o uso). Ex.: falsificar, no dicionário, significa “alterar voluntariamente com o sentido de fraudar”.

As definições normativas convencionam o uso de uma palavra, isto é, indicam de que forma uma palavra deve ser utilizada. Essas normas resultam de um compromisso individual, de uma ordem dirigida a outros, de uma regra a ser seguida. Reboul (2000:172) dá como exemplo de definição normativa a atribuída ao termo *falsificar* da epistemologia de Popper.

As definições condensadas são definições descritivas que se restringem às características essenciais, com omissão de alguns elementos. Por sua vez, as definições complexas combinam, de forma variável, elementos dos três tipos anteriores.

Reboul (2000:172) ainda considera o caso de uma definição oratória, que se constituiria numa definição imperfeita, em que o que define e o que é definido não são realmente intercambiáveis. Por exemplo, “Guerra é toda a nação num esforço de vitória”.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996:239), as definições descritivas, enquanto não forem contestadas, terão o estatuto de um fato. As normativas que se apresentarem como uma regra obrigatória podem ser apoiadas ou combatidas através da argumentação. As condensadas permitem que se questione em que medida as indicações que fornecem são ou não essenciais.

Ao tratar da definição como um dos mais eficazes e mais freqüentes recursos de expressão usados para expor ou explanar idéias, Garcia (1997:324) descreveu os quatro elementos constituintes da definição denotativa:

- Termo (*definiendum*) – a coisa a ser definida;
- Ligação – verbo “ser” ou seu equivalente, como, por exemplo, “consistir em”, “significar”;
- Gênero (*genus*) – a classe ou ordem de coisas a que pertence o termo;
- Diferenças (*differentiae*) – o que distingue a coisa representada pelo termo de outras coisas incluídas na mesma classe.

A fórmula da definição seria: $T = G + d_1 + d_2 + \dots d_n$

Como exemplo, Garcia apresentou o enunciado: “Retângulo é um quadrilátero de ângulos retos e lados iguais dois a dois”, em que

Termo (T) = retângulo

Ligação = é

Gênero (G) = um quadrilátero

Diferenças = de ângulos retos (d_1), lados iguais (d_2), dois a dois (d_3).

Na etapa de análise, observaremos a constituição das definições e de que maneira elas contribuem para a persuasão dos leitores.

2.7.2 Figuras retóricas

Neste trabalho, tomamos como definição de *figura* a utilizada por Reboul (2000:248): “Figura é o modo de expressar-se que se afasta do uso comum para obter mais força e adequação”. Por se afastarem do sentido literal das palavras e segmentos mais extensos, é que as figuras são incluídas aqui na seção do estilo do gênero.

Os livros de auto-ajuda buscam reconceituar palavras como auto-estima, respeito, paciência e para descrever as redefinições dessas palavras de um modo mais familiar, muitas vezes, o autor emprega a metáfora. A essência da metáfora é entender e vivenciar um tipo de coisa em termos de outra. Para Askehave (2004:18) as metáforas são parte da ideologia; elas refletem a forma que conceituamos o mundo em que vivemos, como percebemos as coisas pessoalmente, em nossa família, em nossa sociedade. As metáforas prestam um papel importante nas intenções dos livros de auto-ajuda porque aproximam, através de suas construções, uma visão holística da vida focalizando os padrões de pensamento do leitor com objetivo de fazê-lo ver as coisas sob um novo prisma (Idem: 2004:18).

A personificação, segundo Askehave (2004:22) é uma outra forma de representação metafórica, comumente usada nos livros de auto-ajuda. As

personificações atribuem características humanas a conceitos abstratos. Qualidades de um ser humano são atribuídas a um animal, um objeto ou um conceito abstrato. Sintaticamente, na personificação, um sujeito inanimado co-ocorre com um verbo normalmente associado com seres humanos, como em “o sol cumprimentou a lua”.

O livro de auto-ajuda está predominantemente preocupado com a personificação psicológica, existencial e conceitual. Por essa razão, sentimentos abstratos (medo, julgamentos, tolerância, rancor), conceitos (vida, memórias, interior) ou objetos inanimados são associados a comportamentos humanos – nada mais do que ações humanas.

Segundo Askehave, a proposta da personificação é fazer os conceitos abstratos mais compreensíveis e reais ao leitor. Ela permite ao autor construir sentenças nas quais entidades (que em uma visão não-metafórica são impedidas de fazer qualquer tipo de ação) fazem o bem e o mal. As personificações, como um todo, constroem um universo no qual o leitor é conduzido a sentir-se orientado, ajudado, acalentado, ouvido.

As parábolas, nos livros de auto-ajuda, têm a tarefa de tentar convencer o leitor a adotar a visão de mundo apresentada pelo autor, de ilustrar o ponto de vista que o autor tenta construir. A proposta da parábola não é simplesmente contar uma história, mas ensinar ao leitor um conteúdo moral e religioso.

Em algumas parábolas dos livros de auto-ajuda, a moral está subentendida; em outras, o autor apresenta sua interpretação direta ao leitor, antes ou depois da história. A receptividade e a atração das parábolas devem-se à habilidade de discutir assuntos delicados e controvertidos de uma forma menos ameaçadora (contar uma história ao invés de dizer como fazer) e concretizar uma idéia abstrata ou crença, muito similar às metáforas.

Além das figuras destacadas por Askehave, acrescentamos também a figura chamada *cleuismo* ou *autodepreciação*, presente nas pregações do Dalai-Lama. Segundo Reboul (2000:246, 135), através do cleuismo o escritor “finge depreciar-se para se fazer mais apreciar”, finge desvalorizar-se para

captar a confiança e simpatia dos seus leitores. Por exemplo: “Não sou um homem estudado, mas, com meu modesto senso, posso opinar sobre isso”.

2.7.3 Relações condicionais

Charaudeau incluiu, no item *conhecimento da construção gramatical*, tipos de oração, os marcadores lógicos, as pronominalizações, os verbos modais, adjetivos, etc. Neste trabalho, em primeiro lugar, discutiremos um tipo de construção recorrente em *O Caminho da tranquilidade*: a oração condicional. Alguns elementos que caracterizam essa construção foram pensados a partir de Neves (2000:829-861).

As orações condicionais normalmente são iniciadas pela conjunção *se*. Podem ser apresentados nas seguintes formas:

[SE + oração condicional] + oração principal

Oração principal + [SE + oração condicional]

Exemplos:

“Se eu faço isso, estou faltando à minha promessa” (Neves: 830).

“Esta lista poderia ser aumentada consideravelmente se quiséssemos” (Neves: 830).

Outras conjunções expressam a mesma relação básica entre duas orações. São conjunções ou locuções conjuntivas condicionais: *caso*, *desde que*, *contanto que*, *uma vez que*, *a menos que*, *sem que*, *a não ser que*, *salvo se*, *exceto se*.

Algumas vezes, construções temporais, em determinados tempos verbais, podem apresentar matiz condicional: “Mesmo os livros velhos, QUANDO aparecem sob nova encadernação, ou em exemplares novos, encontram leitores” (Neves:831).

A construção condicional apóia-se basicamente numa hipótese; por isso o termo *período hipotético* é utilizado, nos estudos clássicos, para designar as construções condicionais. A relação que se estabelece entre o conteúdo da condicionante (subordinada) e o conteúdo da condicionada (principal), é a

seguinte: a oração condicionante apresenta uma condição para realização de algum fato; por sua vez, a oração condicionada traz a conseqüência, o resultado da resolução da condição enunciada.

Assim, podem ser previstos três grupos de construções condicionais:

- a) dada a realização da oração condicionante, segue-se, necessariamente, a realização da oração condicionada. Ex.: “Se tudo está desse jeito, eu não posso confiar!” (Neves:832).
- b) dada a não-realização da oração condicionante, segue-se, necessariamente, a não-realização da oração condicionada. Ex.: “Se o Natel tivesse escolhido o secretariado logo que saiu a indicação, a essas horas ele seria o governador eleito de São Paulo” (Neves:832).
- c) dada a potencialidade da oração condicionante, segue-se a eventualidade da oração condicionada. Ex.: “Se eu chegar às nove, a revista vai vender de novo (...)” (Neves:833).

Dada a recorrência dessa construção, no *corpus* desta pesquisa será observado o valor das combinações entre orações condicionantes e condicionadas para veicular as mensagens do Dalai-Lama.

Observaremos, também, dentro da organização gramatical, o funcionamento dos pronomes.

2.6.4 Pronomes

A análise preliminar dos textos do *corpus* mostrou a necessidade de revisar os empregos dos pronomes em situações de interlocução, ou seja, Charaudeau (1995) destaca que num ato de comunicação verbal o nível situacional é aquele no qual são determinadas as condições do contrato de fala correspondente ao gênero do discurso: finalidade do ato, a identidade dos parceiros, temas a tratar e dispositivo físico da troca. Levando em consideração as necessárias adaptações dos usos pronominais à língua portuguesa,

selecionamos dados sobre o uso dos pronomes Eu, Nós, Você(s) em Charaudeau (1992:122-162) e Fairclough (1994).

O pronome Eu designa explicitamente o locutor único, o produtor do enunciado. Em narrativas, através do pronome de primeira pessoa, o escritor pode *fazer saber* que o narrado é personagem de sua história e testemunha de evento vivido ou pode *fazer crer* que é uma personagem e testemunha para dirigir os fatos que relata na história.

Para Charaudeau (1992:158), nos textos políticos, de maneira geral, o Nós predomina, uma vez que ajuda a descrever as ações ou qualificações positivas dos agentes numa busca de progresso social. Pode representar:

- um chefe de Estado e os cidadãos (“se nós vamos defender nossos interesses...”);
- o governo que explica sua política através de um de seus porta-vozes (“nós propusemos esse projeto porque...”);
- um grupo político (“nosso dever é explicar ao país o que vai mal”);
- um grupo de militantes que chama os seus seguidores e todos os outros para se unirem (“Nós vamos lutar juntos pelo direito de trabalhar”). Estabelece-se um pacto de aliança que institui os sujeitos participantes da ação em *herói coletivo*. A presença de Vocês nesse discurso significa que o destinatário não abraçou ainda a causa comum e não faz parte do herói coletivo: “Vocês querem um país forte, vocês responderão em massa a meu apelo”.

Fairclough (1994:127-128) faz uma oposição entre “Nós inclusivo”, que corresponde ao leitor + o ouvinte e “Nós exclusivo”, que se refere ao escritor + uma ou mais pessoas, mas não inclui o leitor.

O pronome Você – segunda pessoa do discurso e terceira pessoa gramatical – pode designar explicitamente um interlocutor único, indicando que o enunciado produzido deve ser relacionado ao interlocutor. Fairclough (1994:60, 205) descreveu um uso do pronome “você” a que chamou de

“personalização sintética”: especialmente veículos de comunicação de massa tendem a compensar o tratamento das massas com um índice de individualidade. A personalização sintética simula solidariedade: quanto maior a massificação dos meios e maior o distanciamento do público-alvo, mais freqüente é a simulação do tratamento das massas como se fossem indivíduos.

Nos textos publicitários, por exemplo, as relações personalizadas entre produtor e consumidor são evidenciadas por uma interpelação direta do público-alvo através de um “você” e de construções imperativas (ex.: “Veja as vantagens de usar X”). Por sua vez, se o emissor da mensagem quiser identificar-se como porta-voz da companhia que oferece o produto, usará o pronome “nós exclusivo” (“Nós pensamos em você para criar X”).

Essas tentativas de aproximação ou distanciamento do escritor com seu público podem ser identificadas, nos textos, não só através dos pronomes, mas também de outras expressões: os marcadores metadiscursivos.

2.6.5 Marcadores metadiscursivos

A escrita, para Kopple (1985:83), processa-se em dois níveis: em um deles, o escritor fornece a informação sobre o assunto do texto e expande o conteúdo proposicional; em outro, chamado metadiscurso, o escritor ajuda o leitor a organizar, classificar, interpretar, avaliar e reagir a tal material. Através das marcas metadiscursivas, os leitores podem reconhecer como os textos são organizados e como os elementos se conectam uns com os outros.

Há vários tipos de marcadores metadiscursivos. Dentre os marcadores que funcionam para estabelecer relações entre elementos do interior do texto, destacamos quatro grupos, os conectores textuais, os marcadores de esclarecimento, os marcadores ilocutórios e os narradores.

Os conectores textuais são usados para unir blocos particulares de informação uns aos outros. Dividem-se em seqüencializadores (em primeiro/segundo/terceiro lugar, em seguida); conectores lógicos ou temporais (entretanto, então, ao mesmo tempo); retomadas (como se viu anteriormente);

projeções (como se estudará no segundo capítulo) e topicalizadores (em relação a, quanto a).

Os marcadores de esclarecimento são usados para ajudar os leitores a compreender o significado de palavras, sintagmas ou expressões idiomáticas. Têm por objetivo definir, explanar ou delimitar as informações colocadas no texto.

Os marcadores ilocutórios explicitam o ato de linguagem que está sendo executado pelo autor: “eu suponho que”, “para resumir”, “por exemplo”, “meu objetivo é”. Já os narradores informam aos leitores quem disse ou escreveu algo: “x anunciou que”, “de acordo com Y”, “Z notou que”.

Outros marcadores têm função interpessoal, isto é, servem para estabelecer relações entre os interlocutores, enquadrando o ponto de vista do escritor, por exemplo, no campo da certeza ou da dúvida. São interpessoais os marcadores de validade, de atitude e os comentários.

Os marcadores de validade são utilizados para afirmar certeza ou incerteza quanto ao conteúdo proposicional e o grau de comprometimento com essa afirmação. Dividem-se em enfáticos (claramente, sem dúvida, é óbvio); não-enfáticos (talvez, pode, parece, de certa maneira) e atribuidores (de acordo com, segundo, nas palavras de).

Os marcadores de atitude revelam a reação particular do autor quanto ao conteúdo proposicional daquilo que enuncia: “acho interessante que”, “é alarmante”, “surpreendentemente”.

Os comentários têm por objetivo incluir os leitores num diálogo implícito com o autor. Os comentários podem versar sobre a disposição, visões, reações do leitor ao conteúdo proposicional (você pode não concordar com); sobre os procedimentos de leitura (você pode querer ler o último capítulo em primeiro lugar; se X, você pode pular este capítulo); sobre a relação autor/leitor (meu amigo, caro leitor) ou podem antecipar procedimentos de leitura para os leitores (o material seguinte pode ser difícil à primeira vista).

Após essa revisão do material já discutido na literatura, passamos para a metodologia de análise dos textos de auto-ajuda espiritual.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DE ANÁLISE

Este capítulo está dividido em duas partes fundamentais. Na primeira, descrevem-se as características do *corpus* selecionado para análise. Na segunda, apresentam-se os passos usados para descrever as características de um livro de auto-ajuda espiritual.

3.1 Seleção do corpus

O livro do Dalai-Lama, *O caminho da tranqüilidade*, aborda um dos temas preferidos dos escritores de livros de auto-ajuda, isto é, fala daquilo que os indivíduos desejam alcançar no decorrer da vida e propõe medidas e atitudes para que isso possa ser alcançado.

O livro é composto por cem textos, ilustrados com imagens de animais e flores, destacados por diferentes cores e tonalidades e foi compilado e editado por Renuka Singh e traduzido por Maria Luiza Newlands Silveira e Márcia Cláudia Alves. A editora responsável por sua publicação foi a Sextante.

Neste trabalho, iniciaremos a descrição do livro subdividindo-o em três partes: textos de introdução (incluindo os gêneros prefácio, agradecimento e optação), textos de conclusão (que reforçam os textos introdutórios) e textos de aconselhamento ou lições de vida. Dos cem textos, foram selecionados três introdutórios, fragmentos dos textos de conclusão que servem de reforço aos introdutórios e vinte lições de vida a serem analisadas integralmente em suas partes constituintes e estratégias discursivas e estilísticas.

Em primeiro lugar, analisamos a organização das partes dos textos, tendo Eggins (1994) e Askehave (2004) como fontes. Em segundo lugar, usando Charaudeau (2002) como ponto de partida e contribuições de outros autores, analisaremos as estratégias discursivas e os recursos estilísticos utilizadas pelo Dalai-Lama para convencer o seu leitor da coerência e importância de suas mensagens.

Os passos de análise são apresentados a seguir.

3.2 Seqüência de análise

3.2.1 Composição textual: a organização global do livro

Eggins (1996:36-40) apresentou uma metodologia de análise de gênero, cujos princípios fundamentais são aqui adotados para a descrição global do livro de auto-ajuda espiritual. Esclarecemos que essa metodologia não constitui uma novidade na análise de textos, mas é a que foi escolhida como ponto de partida para chegar à descrição do livro de auto-ajuda.

Para a autora, descrever a estrutura esquemática dos gêneros implica dois conceitos fundamentais na análise lingüística: a constituição e a rotulação.

A constituição, como o nome sugere, refere-se às relações entre as partes e o todo. Um livro, é óbvio, é constituído de um número de capítulos; cada capítulo é feito de um número de parágrafos; cada parágrafo é feito de um número de sentenças, e assim por diante.

Para Eggins, o objetivo da descrição de um gênero é identificar as partes que constituem o todo e, preferencialmente, ao mesmo tempo, explicar como as partes se relacionam umas às outras, constituindo o todo. Dois critérios podem ser usados para chegar aos constituintes de um texto: o formal, buscando as regularidades em sua estrutura global, e o funcional, buscando o funcionamento dos diferentes constituintes. A primeira abordagem enfatiza a igualdade, ao passo que a última enfatiza a diferença. Dividir um livro em estágios formais seria separar os seus capítulos e buscar, em cada capítulo, o número de parágrafos que o constituem. Já a divisão em estágios funcionais prevê, por exemplo, o propósito da introdução, os argumentos e as evidências do desenvolvimento do livro, as funções da conclusão. A autora opta pela segunda abordagem.

Ao dividir o texto em constituintes funcionais, busca-se o reconhecimento das partes que preenchem uma função no todo, o que pode ser obtido através da *rotulação funcional*. Ao atribuir rótulos (*labels*) aos segmentos textuais, busca-se responder às questões, por exemplo: “o que está

sendo feito neste início do texto?” ou “o que está sendo feito no corpo deste texto que é diferente do que é feito no corpo de outro gênero interativo?” (Eggins:38). Dentro de cada uma das partes do livro, procede-se igualmente à rotulação de seus componentes.

Neste trabalho, buscou-se estabelecer a relação entre o gênero livro de auto-ajuda espiritual e as diferentes partes que o compõem. Esclarecemos que os textos não têm títulos, à exceção do prefácio. Por essa razão, as outras partes do conjunto-livro foram intituladas ou rotuladas de acordo com os objetivos veiculados pelas mensagens: agradecer, apresentar-se, aconselhar. Cada um desses estágios representa uma função relativa ao todo.

3.2.2 Composição textual: as partes dos textos do livro

A segunda etapa da análise vai se constituir na identificação dos segmentos que constituem os diversos textos do livro. A proposta de Askehave (2004:16-17), que identifica, nos textos de auto-ajuda, uma seqüência de três movimentos, vai ser levada em consideração (Quadro 3). Os segmentos vão ser rotulados de acordo com sua função no texto, segundo os interesses do escritor na elaboração de sua mensagem.

Quadro 3 – Organização das lições dos livros de auto-ajuda

Estrutura do movimento	Conteúdo do movimento
Movimento 1 Introdução do tópico	1.a definição: o autor define o tópico, isto é, “X significa Y”. 1.b Afirmação da posição: o autor apresenta sua posição que é baseada na definição inicial, isto é, “se x significa y, eu sugiro você fazer y”.
Movimento 2 Elaboração do tópico	O autor justifica a sua posição, acrescentando detalhes, explicações, exemplos, analogias, etc.
Movimento 3 Conclusão e reforço da posição	O autor reforça e retoma a sua posição inicial

Fonte: elaborado a partir de Askehave (2004:16).

3.2.3 Estratégias discursivas e recursos estilísticos

Após a segmentação dos textos, observam-se, em cada uma das partes, as estratégias usadas pelo Dalai-Lama para pregar seus princípios, legitimar a sua autoridade e buscar captar o interesse do leitor. Para isso, serão destacados os diversos recursos já discutidos na revisão: o emprego de figuras retóricas, recontextualizações, relações condicionais, pronomes e marcadores metadiscursivos. Transportaremos para esta seção o quadro de Charaudeau, para melhor visualização de suas categorias, destacando a “competência semiolingüística” e acrescentando os tópicos a serem desenvolvidos na análise.

Quadro das competências do sujeito

Competências do sujeito	Comunicacional	Identidade Objetivos Conteúdo envolvido Circunstâncias materiais
	Discursiva	Enunciativa Narrativo-descritiva Argumentativa
	Semântica	Crença Conhecimento
	Semiolingüística	Composição textual Construção gramatical Adequação lexical

Fonte: elaborado a partir de Charaudeau, 2002:303-307.

Competência semiolingüística	Composição textual: 1) prefácio, agradecimento, lições 2) movimentos em cada texto
	Composição lexical, gramatical e retórica: Figuras, definições, orações, marcadores e pronomes

Nesta fase de análise, destacam-se os grandes temas discutidos pelo Dalai-Lama, alguns específicos do budismo, outros relativos à vida em geral. Assume importância, na análise, a recontextualização dos termos, uma vez que o escritor, muitas vezes, rejeita o sentido de dicionário do termo, vendo-o de outra maneira. Para fazer esse percurso, apresentamos, em primeiro lugar, o

sentido apresentado por Houaiss (2001) e o comparamos com o apresentado pelo Dalai-Lama. Com isso, seguimos a proposta de Askehave (2004), de confrontar o significado denotativo das palavras com o significado criado pelo autor de livros de auto-ajuda espiritual.

Com essa metodologia de análise, voltamos a Bakhtin, reelaborando seu conceito de gênero para os nossos propósitos: uma dada função ideológica (divulgar o budismo para o leitor brasileiro) e dadas condições (a abertura da possibilidade de divulgação pelo mercado) geram o gênero livro de auto-ajuda espiritual, um tipo de enunciado relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

Nos textos de introdução e conclusão, serão analisados os seguintes gêneros:

Textos de introdução e de conclusão	Prefácio Agradecimento Optação
-------------------------------------	--------------------------------------

Nos textos de desenvolvimento, incluídos no gênero “Lições de vida” ou “textos de aconselhamento”, operaremos a seguinte subdivisão:

Textos de desenvolvimento – lições de vida ou textos de aconselhamento	Desenvolvimento de conceitos fundamentais Religião e espiritualidade Carma Felicidade A arte de escutar Compaixão Educação Amor Estado de espírito Paciência Bondade
	Avaliações sobre a sociedade A sociedade ocidental A sociedade moderna O poder da mídia O sensacionalismo na mídia Os políticos A justiça
	Instruções e exemplos para o aperfeiçoamento da sociedade Conduta pessoal Inspiração para ação Visão do outro Responsabilidade universal e transformação do mundo

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo trataremos, em primeiro lugar, dos textos de introdução e conclusão, que são constituídos de gêneros já descritos, como prefácio e agradecimento.

4.1 Textos de introdução e de conclusão

4.1.1 Prefácio

O prefácio de *O caminho da tranquilidade* cumpre a sua função demonstrativa mais indispensável, a de indicar o assunto a ser tratado no corpo da obra: as formas de atingir a felicidade.

No primeiro segmento, chamado de *Contato inicial*, o escritor, através do “nós inclusivo”, apresenta o desejo humano básico, a felicidade, e as condições para o seu alcance: o pensamento positivo. Inicia o processo de legitimação de sua autoridade em primeira pessoa, com aparente modéstia, ao chamar sua experiência de limitada, mas busca atrair maior credibilidade a si mesmo, ao mencionar o budismo como sua tradição.

Contato inicial	Todos nós, seres humanos, queremos ser felizes e evitar os sofrimentos. De acordo com a minha limitada experiência, se quisermos conseguir isso, é de grande valia a capacidade de cultivar e manter um estado de espírito positivo. Segundo a tradição budista a que pertença, um dos meios mais eficazes de fazê-lo é praticando a meditação.
-----------------	---

Então, nesse primeiro segmento do prefácio, o Dalai-Lama inicia o processo de identificação, determinando “quem fala para quem”. A sua legitimidade vai ser julgada, no decorrer do livro, de acordo com a suas qualificações que justificam o “direito de falar”.

No segundo segmento, denominado *Definição*, o Dalai-Lama estipula qual o sentido que deve ser atribuído à palavra “meditação”. O operador de soma “também” assinala o sentido adicional que deve ser dado à palavra:

Definição	Embora a meditação possa algumas vezes significar sentar-se em uma determinada posição especial e silenciar a mente, pode também envolver a familiarização constante com pensamentos positivos. É por isso que temos o hábito de ler e recitar os textos dos livros sagrados e das orações.
-----------	---

O terceiro passo do prefácio foi chamado de *Receita Pessoal*, pois o autor escreve para falar da sua fonte inspiradora ao longo dos anos e dos benefícios que nela encontrou e que podem servir para o público leitor.

Receita pessoal	No correr de muitos anos, uma obra curta chamada <i>Oito Poemas para Treinar a Mente</i> tem sido para mim uma grande fonte de inspiração. Contém muitos conselhos úteis, recomendando sempre considerar os outros mais importantes do que nós, enfrentar e lutar contra as emoções perturbadoras que põem em risco a nossa paz de espírito, abrir mão em prol dos outros de todos os benefícios que surgirem e assumir pessoalmente quaisquer dificuldades que ocorrerem.
-----------------	--

No quarto rótulo do prefácio, chamado de *Apresentação do Livro*, o Dalai-Lama fala do conteúdo de sua obra, e, novamente, com aparente modéstia (“alguma inspiração”), busca consolidar sua autoridade, ao mencionar outras obras publicadas no gênero.

Apresentação do livro	Este livro inclui citações cotidianas selecionadas de meus próprios escritos e de trabalhos de minha autoria já publicados. Com toda a humildade, rezo para que os leitores possam encontrar nestas palavras alguma inspiração para desenvolver aquela generosa paz de espírito que é a chave da felicidade duradoura.
-----------------------	--

Ao assinar o prefácio como “Sua Santidade, o Dalai-Lama”, com uma expressão idêntica à que os católicos empregam para o tratamento com o Papa, o escritor deixa claro que é considerado a mais alta autoridade no

assunto a ser desenvolvido no livro. Com esse procedimento, mais credenciais já são apresentadas para a sua legitimação.

Posteriormente, nos textos de conclusão do livro, o Dalai-Lama apresenta dados de identificação mais precisos, não sem uma certa modéstia:

Autodescrição	Dentro de menos de cinquenta anos, eu, Tenzin Gyatso, o monge budista, serei apenas uma lembrança (p.113).
---------------	--

Autodescrição	[Trate todos como se fossem amigos muito próximos.] Não digo isso como Dalai-Lama ou como alguém que tenha poderes ou talentos especiais. Não os tenho. Falo como um ser humano, alguém que, como você, quer ser feliz e não sofrer (p. 116).
---------------	---

4.1.2 Agradecimento

No agradecimento, o Dalai-Lama instaura-se como porta-voz dos Tibetanos, ao se declarar grato por ação desempenhada por outros.

Auto-apresentação	Gostaria de, em nome dos tibetanos, expatriados ou não, agradecer sinceramente aos nossos seguidores e amigos.
-------------------	--

O uso do pronome possessivo é exclusivo, pois reúne o escritor e os outros tibetanos, mas não inclui o leitor.

À declaração inicial, segue-se uma explicação dos problemas vividos pelos Tibetanos:

Justificativa	Estamos atravessando um período de imensos sacrifícios e sofrimentos nunca antes experimentados pelo nosso povo.
---------------	--

Os índices avaliativos “imensos” e “nunca antes experimentados” expressam uma gradação nos níveis da opressão do povo, explicitando o grau máximo de uma escala.

No terceiro segmento, o escritor amplia o alcance do reconhecimento do apoio, de modo a incluir o leitor, pois se dirige “às pessoas de todo o mundo” e destaca o papel da Índia, que o acolheu como exilado. O uso do futuro contribui para dar uma idéia de certeza à promessa feita.

Promessa	O carinho, o apoio e a ajuda que as pessoas de todo o mundo e, em especial, da Índia nos têm concedido serão para sempre lembrados e farão parte do registro de nossa história.
----------	---

Neste caso, o agradecimento do livro, em lugar de apenas consistir num reconhecimento de um ato desempenhado por outros, transformou-se em uma manifestação política.

Como a menção ao controle da China ocupa lugar de destaque, ao figurar no agradecimento, é interessante acompanhar a evolução das relações entre opressor e oprimido desde a publicação do livro.

Na página 110, foi explicitada a questão tibetana. No primeiro segmento, os marcadores de negação enfatizam, de maneira geral, a impossibilidade de esmagamento do desejo de liberdade de um povo.

Generalização	A opressão nunca, em nenhum lugar, conseguiu suprimir nas pessoas o eterno desejo de viver em liberdade – liberdade para pensarem seus próprios pensamentos, para agirem como acham que é melhor para o bem-estar comum e para viverem como seres humanos, não como robôs ou escravos.
---------------	--

Na segunda parte, a generalização inicial foi especificada, com menção clara ao agente de opressão – a China. A ênfase na certeza do renascimento do Tibete foi expressa pelo emprego do verbo no futuro (“renascerá”) que se articula com a construção concessiva iniciada pelo operador “mesmo que”.

Especificação	Mesmo que os chineses deixem apenas cinzas em nossa terra sagrada, o Tibete renascerá dessas cinzas como um país livre, ainda que isso possa demorar.
---------------	---

O fechamento do texto se dá por uma avaliação marcada por expressões negativas, que afastam a possibilidade de a opressão ser para sempre:

Avaliação	Nenhum poder imperialista jamais manteve outro povo sob domínio colonial por muito tempo (p. 110).
-----------	--

A ênfase na rejeição de uma posição submissa por parte do Tibete criou, no leitor, a expectativa de que o renascimento dos tibetanos estaria condicionado à não-aceitação do governo chinês. Mas *O caminho da Tranqüilidade* foi publicado em 1998. E muita coisa se desenrolou desde essa data.

Com grande surpresa para os que acompanham as lições do Dalai-Lama, em 2005, a Revista Veja publicou um artigo com o seguinte título: “O Lama mudou de idéia”. O subtítulo era mais específico: “Pela primeira vez, o líder budista diz que o Tibete é da China e desiste do separatismo”. No corpo do artigo, uma explicação para a chamada da revista:

Pela primeira vez, ele [o Dalai-Lama] reconheceu que o Tibete faz parte da China, e assim permanecerá. “Esta é a mensagem que eu quero passar aos chineses: não sou a favor da separação”. (...) A declaração vai contra o que o religioso de 69 anos – venerado como a reencarnação do Buda desde criança – pregou nas últimas quatro décadas de exílio: a independência completa do Tibete ou, pelo menos, a autonomia política do país, invadido e anexado pelos chineses na década de 50 (Veja, 23-03-05).

Segundo o Dalai-Lama, a sua mudança de posição é motivada pelo desejo de permitir que os tibetanos se beneficiem mais com o crescimento econômico da China. O índice de pobreza dos tibetanos, nos três últimos anos, caiu de 68% para 48%. Em troca da submissão à China, o Dalai-Lama pede, especialmente, respeito à religião e à língua. A Revista Veja classificou essa alteração de rota como “pragmática”.

Mas nem só o prefácio e o agradecimento, gêneros já descritos, fazem parte dos textos de introdução que são reforçados nos de conclusão. Encontramos também um gênero que chamaremos aqui de “Optação”, seguindo terminologia da teoria literária (Tavares, 1978:358).

4.1.3 Optação

Em *O caminho da tranqüilidade*, após o prefácio e o agradecimento, há um texto que contém propósitos enunciados em primeira pessoa. Essa parte do livro assume a forma de *optação*, isto é, de uma espécie de figura pela qual se expressa um desejo. O “eu” aponta para um enunciador cujo objetivo é servir de orientação aos que estão perdidos.

O primeiro segmento, chamado de *propósito*, especifica o alcance temporal que deve atingir a autoridade de um guia espiritual: a eternidade.

Propósito	Que eu me torne em todos os momentos, agora e sempre
-----------	--

O verbo “tornar-se” indica mudança de situação, pressupondo que o que manifesta o desejo ainda não atingiu sua meta, que deve ter imediato início e durar para sempre.

Na segunda parte, é especificada a natureza de sua transformação:

Especificação	um protetor para os desprotegidos, um guia para os que perderam o rumo, um navio para os que têm oceanos a cruzar, uma ponte para os que têm rios a atravessar, um santuário para os que estão em perigo, uma lâmpada para os que não têm luz, um refúgio para os que não têm abrigo e um servidor para todos os necessitados (p. 9).
---------------	--

A autodefinição prevê, através de elementos metafóricos, a constituição de um ser que se propõe, ao mesmo tempo, a proteger, mostrar caminhos e

servir. Através da metáfora, o autor lembra ao leitor a todo instante das suas atribuições enquanto santidade, mestre e/ou guia espiritual. A palavra *navio* simboliza o veículo, meio de se conseguir alguma coisa, o *oceano* no lugar de vida a percorrer, *ponte* no lugar de meio material e facilitador e *rios* representando as dificuldades da vida. Especialmente o uso metafórico da palavra “lâmpada” indica a saída das trevas que representa a adoção dos princípios expostos no livro, a aquisição de idéias para resolução dos problemas.

O último texto do livro serve de reforço para essa mensagem. O desejo de Dalai-Lama é expresso, inicialmente, por uma comparação com elementos da natureza:

Desejo	Tal como a terra, que eu possa servir de apoio a seres tão numerosos quanto o céu é vasto.
--------	--

O segundo segmento da declaração está ligado ao anterior por um operador de adição com valor adversativo, pois, primeiramente, ele declara que deseja ser o apoio de um número infinito de pessoas, mas faz uma ressalva, com o auxílio de uma condicional:

Reforço	E, se eles não tiverem ainda atingido o estágio de iluminação, que eu possa dedicar-me inteiramente à sua felicidade (p. 119).
---------	--

Isso significa que um guia espiritual nunca desiste de sua tarefa, mesmo que os indivíduos não tenham sido ainda atingidos pela luz que os torna felizes. O papel de “servidor”, estabelecido no *desejo* apresentado logo após os textos de introdução, é retomado nesse último texto, com destaque, pois é enunciado o propósito de “dedicar-se inteiramente” à felicidade dos seguidores.

4.2 Textos de desenvolvimento: lições ou aconselhamentos

Dividiremos esta seção em três grandes grupos de textos: no primeiro grupo, teremos o desenvolvimento dos conceitos básicos da obra em análise. No segundo, as avaliações do Dalai-Lama sobre a sociedade moderna e, finalmente, no terceiro, os desejos e instruções específicas de como transformar o mundo

4.2.1 Desenvolvimento de conceitos básicos

Religião e espiritualidade

Na página 38, o mestre budista trata dos conceitos de religião e de espiritualidade, que foram aqui selecionados para iniciar a análise do desenvolvimento do livro. O conceito de *religião* está em desacordo com a visão de grande parte dos seus leitores. Assim, partiremos a análise da definição prévia, de dicionário:

Definição prévia	<p>Religião – 1. culto prestado a uma divindade; crença na existência de um ente supremo como causa, fim ou lei universal. 2. conjunto de dogmas e práticas próprias de uma confissão religiosa. 3. a manifestação desse tipo de crença por meio de doutrinas e rituais próprios. 4. crença, devoção, piedade. 5. reverência às coisas sagradas (...) (Houaiss:2422).</p> <p>Espiritualidade – 1. característica ou qualidade do que tem ou revela intensa atividade religiosa ou mística. 2. elevação, transcendência, sublimidade (...) (Houaiss:1234).</p>
------------------	---

Nos verbetes do dicionário, as duas palavras estão relacionadas, uma vez que a espiritualidade expressa atividade religiosa ou mística.

O monge budista inicia a sua lição em primeira pessoa, com um verbo de crença, estabelecendo uma diferenciação entre os dois termos e avaliando essa separação como “importante”, estratégia para chamar a atenção para os conceitos:

Distinção entre termos	Creio que há uma importante distinção a ser feita entre religião e espiritualidade.
------------------------	---

Com um verbo de julgamento, ainda explicitando a primeira pessoa, apresenta a sua concepção de religião:

Definição pessoal	Julgo que a religião esteja relacionada aos ensinamentos ou dogmas religiosos, rituais, orações e assim por diante.
-------------------	---

A visão de *religião* está próxima da segunda possibilidade apresentada pelo dicionário. Já se pode prever uma conotação negativa do termo, ao se explicitarem apenas os aspectos mais impositivos como os ensinamentos e os dogmas, seguidos da expressão “e assim por diante”, que incluiria outros elementos negativos.

Segue-se o conceito de espiritualidade:

Definição pessoal	Considero que a espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros.
-------------------	---

Com a mescla da espiritualidade com uma série de traços considerados positivos, já se prevê que a distinção entre os dois conceitos foi estabelecida para que seja feita uma opção entre os dois, o que se confirma na conclusão:

Conclusão	É por isso que às vezes digo que talvez se possa dispensar a religião. O que não se pode dispensar são essas qualidades espirituais básicas (p. 38).
-----------	--

A “dispensa” da religião não está expressa de modo categórico. O monge modaliza a sua proposição, mencionando que “às vezes” (*não sempre*)

diz que “talvez” (não *certamente*) se possa dispensar a religião. Mas conclui, com o verbo “poder” em sentido categórico, que as qualidades espirituais que foram avaliadas como “básicas” são indispensáveis.

A dissociação entre religião e budismo desperta a curiosidade dos leigos. Em seu sentido de dicionário, budismo é o “sistema filosófico e religioso indiano fundado por Siddarta Gautama, o Buda”. Mas o dicionário também esclarece que “o budismo é uma religião que não professa a existência de qualquer deus” (Houaiss:525). Assim, para leigos, o budismo não tem um deus, mas é uma religião.

Carma

Na página 57, o Dalai-Lama define *carma*, o que, como vimos no capítulo de revisão, é um dos conceitos centrais do movimento Nova Era. Para uma comparação entre as definições, partimos do dicionário:

Definição prévia	Carma – No hinduísmo e no budismo, lei que afirma a sujeição humana à causalidade moral, de tal forma que toda ação (boa ou má) gera uma reação que retorna com a mesma qualidade e intensidade a quem a realizou, nesta ou em encarnação futura. A transformação pode dar-se em direção ao aperfeiçoamento (<i>mocsa</i> , o fim do ciclo das reencarnações) ou de forma regressiva (o renascimento como animal, vegetal ou mineral) (Houaiss:628).
------------------	---

Na definição de dicionário, o termo *carma* é apresentado como uma *lei*, que é o seu gênero, a ordem de coisas a que pertence. Essa lei espiritual equivale à lei física de ação e reação (de Newton): toda força (ação) exercida por um corpo sobre um outro corresponde a uma força contrária (reação), de mesma intensidade e direção. A definição permite concluir que, se o indivíduo proceder mal, durante a sua vida, volta (reencarna) em situação difícil.

Vejamos agora como o Dalai-Lama define *carma*:

Definição pessoal	Carma é uma palavra sânscrita que significa “ação”. Designa uma força ativa, significando que o resultado dos acontecimentos futuros pode ser influenciado por nossas ações.
-------------------	--

O gênero do termo é agora visto como “força ativa”. Já existe um marcador para atenuar a relação de causa e efeito: “o resultado *pode ser* influenciado por nossas ações”, isto é, o resultado não vai ser *necessariamente* influenciado por nossas ações.

Essa idéia é explicitada pelo enunciado seguinte, em que o sentido de *carma* atribuído por outras correntes é afastado:

Rejeição de definição prévia	Supor que carma é uma espécie de energia independente que predestina o curso de toda a nossa vida é incorreto.
------------------------------	--

De forma didática, após rejeitar conceitos preestabelecidos, o guia espiritual faz uma pergunta ao leitor:

Pergunta	Quem cria o carma?
----------	--------------------

Se o leitor estiver influenciado por idéias de divindade, pode levantar a hipótese de que o carma foi criado por um Ser Superior. Mas o próprio escritor se encarrega de destituir tal impressão, ao responder:

Resposta	Nós mesmos. O que pensamos, dizemos, fazemos, desejamos e omitimos cria o carma. Não podemos, portanto, sacudir os ombros sempre que nos defrontamos com o sofrimento inevitável. Dizer que todo o infortúnio é mero resultado do carma equivale a dizer que somos totalmente impotentes diante da vida.
----------	--

Com o “nós inclusivo”, o líder enfatiza a responsabilidade individual no norteamento do próprio destino e critica a aceitação do sofrimento com base em sua inevitabilidade. Essa responsabilidade confirma uma das

características associadas por Askehave ao movimento Nova Era – potencial criador e a auto-responsabilidade – os humanos, e não um Deus externo, são os criadores do universo e são responsáveis por criar sua própria realidade.

O monge dissolve qualquer dúvida em relação à força preestabelecida do carma, ao concluir:

Avaliação	Se isso fosse verdade, não haveria motivo para se ter qualquer esperança.
-----------	---

Com esse texto, o Dalai-Lama afasta o princípio do determinismo, de que todos os fenômenos estão ligados por rígidas relações de causalidade.

Felicidade

Na página 20, o Dalai-Lama define a palavra felicidade e, para podermos estabelecer uma comparação, analisaremos a definição de dicionário e a definição pessoal.

Definição prévia	Felicidade – qualidade ou estado de feliz; estado de uma consciência plenamente satisfeita, satisfação, contentamento. 2. bom êxito, sucesso, acerto. 3. boa fortuna; sorte (Houaiss:1323).
------------------	---

De acordo com o dicionário, felicidade pode ser um estado de alegria e contentamento ou ainda estar relacionada ao sucesso ou bom êxito de um indivíduo, além de poder relacionar-se com a sua sorte. Vejamos a definição de Dalai-Lama:

Definição pessoal	A felicidade é um estado de espírito.
-------------------	---------------------------------------

A afirmação do Dalai-Lama aproxima-se da definição dada pelo dicionário, quando este termo é definido como a qualidade ou estado de estar feliz.

Avaliação	Se sua mente ainda estiver num estado de confusão e agitação, os bens materiais não lhe vão proporcionar felicidade.
-----------	--

Dalai-Lama usa uma oração condicional para alertar o leitor sobre o estado da mente daqueles que buscam apenas os bens materiais, advertindo o leitor de que esta busca pode não lhe proporcionar a felicidade. Emprega o operador “ainda” com objetivo de motivar uma mudança mais rápida no comportamento daqueles que estão neste estágio. Utiliza uma sentença negativa no futuro para reforçar a relação entre felicidade *versus* bens materiais. Pode-se perceber, aqui, a intenção do escritor de motivar o leitor a desapegar-se das coisas materiais, visão que pode ser relacionada diretamente com a filosofia budista.

Reforço	Felicidade significa paz de espírito.
---------	---------------------------------------

No reforço enfatiza ao leitor a sua concepção de felicidade, empregando o verbo “significar” para dar maior credibilidade ao seu conceito. Retoma a filosofia de vida dos budistas sobre a importância da tranquilidade da mente e do desapego às coisas materiais ao expor ao leitor os seus argumentos.

A arte de escutar

Na página 23, o Dalai-Lama apresenta ao leitor mais uma ação que considera importante na vida do ser humano, a “arte de escutar”. Relaciona a habilidade de escutar com a palavra “arte”. Partimos da definição de dicionário:

Definição prévia	Arte – 1. habilidade ou disposição rígida para a execução de uma finalidade prática ou teórica, realizada de forma consciente, controlada e racional. 2. conjunto de meios e procedimentos através dos quais é possível a obtenção de finalidades práticas ou a produção de objetos, técnica. 3. o uso de habilidades nos diversos campos da experiência e da prática humana. 4. capacidade especial, aptidão, jeito, dom. 5. perícia, habilidade. 6. forma de agir, maneira, jeito (Houaiss: 306).
------------------	---

Dalai-Lama relaciona a palavra arte com as definições de capacidade natural de pôr em prática os meios necessários para se obter um resultado, dom e habilidade.

Afirmação	É através da arte de escutar que seu espírito se enche de fé e devoção e que você se torna capaz de cultivar a alegria interior e o equilíbrio da mente.
-----------	--

Na *afirmação* verificamos o uso da personificação sintética através do emprego do pronome “você”. O Dalai-Lama não se inclui na categoria das pessoas que não sabem ouvir, pois propõe ao leitor, em tom de superioridade, o meio de atingir a alegria interior e o equilíbrio da mente.

Vantagens	A arte de escutar lhe permite alcançar sabedoria, superando toda ignorância. Então, é vantajoso dedicar-se a ela, mesmo que isto lhe custe a vida.
-----------	--

O Dalai-Lama ressalta as vantagens da “arte de escutar”, emprega o predicado cristalizado “é vantajoso” para chamar atenção do leitor. Utiliza o operador “mesmo que” para introduzir o argumento mais forte, ou seja, o de que a arte de escutar vale até mesmo a vida. Dramatiza sua declaração com objetivo de captar o interesse e engajar o leitor naquilo que propõe.

Definição pessoal	A arte de escutar é como a luz que dissipa a escuridão da ignorância.
-------------------	---

Na *definição pessoal*, o Dalai-Lama reforça, mais uma vez, o seu conceito sobre a habilidade de escutar, construindo uma significação metafórica para esta expressão: se aprendermos a escutar, estaremos saindo da escuridão e conseqüentemente deixando de ser ignorantes.

Avaliação	Se você é capaz de manter sua mente constantemente rica através da arte de escutar, não tem o que temer. Este tipo de riqueza jamais lhe será tomada. Essa é a maior das riquezas.
-----------	--

Na *avaliação*, o Dalai-Lama emprega uma condicional e faz uma relação com uma ação no imperativo. Para reforçar o seu argumento emprega os advérbios “constantemente” e “jamais”, com o objetivo de se fazer acreditar.

Compaixão

Na página 114, o Dalai-Lama escreve sobre a importância da compaixão, valor que faz parte das pregações do budismo. Primeiramente, apresenta ao leitor uma receita de como se “aproximar da morte”.

Receita	A melhor maneira de ter certeza de que um dia nos aproximaremos da morte sem remorsos é agindo de maneira responsável e manifestando compaixão pelos outros no presente.
---------	--

Apresenta-nos a sua receita através da afirmação “a melhor maneira de”, podemos, assim, perceber o seu desejo de legitimar sua autoridade.

Definição pessoal	Como vimos, a compaixão é uma das coisas que mais dão sentido às nossas vidas. É a fonte de toda felicidade e alegria duradouras. É o alicerce de um bom coração, o coração daquele que age motivado pela vontade de ajudar os outros.
-------------------	--

Em “como vimos”, Dalai-Lama utiliza uma estratégia de aproximação com o público leitor (uso do “nós inclusivo”) e, através da afirmação “compaixão é”, busca compartilhar com este a mesma visão sobre o tema em destaque. Na *definição pessoal*, o Dalai-Lama apresenta ao leitor o seu significado para a palavra “compaixão”, emprega um significado semelhante ao do dicionário quanto à participação espiritual na infelicidade e dor alheia. Apresenta ao leitor um valor positivo para o exercício da compaixão, caracterizando-a como “fonte da felicidade duradoura”. Vejamos o que diz o dicionário:

Definição prévia	1.sentimento piedoso de simpatia para com a tragédia pessoal de outrem, acompanhado do desejo de minorá-la, participação espiritual na infelicidade alheia que suscita um impulso altruísta de ternura para com o sofredor, sofrimento comum (Houaiss:773)
---------------------	--

Na definição do dicionário, percebemos que a compaixão não é “fonte de felicidade e alegria” como Dalai-Lama descreve, mas, sim, piedade e condolência pela dor alheia, que seriam na visão do Mestre Budista, um caminho para se atingir a felicidade.

Afirmação	Por meio da bondade, da afeição, da honestidade, por meio da verdade e da justiça para com todos os outros é que asseguramos nossos próprios benefícios.
-----------	--

Pelos *meios*, verificamos a presença dos valores budistas e a estratégia de aproximação do Dalai-Lama pelo emprego do “nós inclusivo” .

Avaliação	Esta não é uma questão para ser debatida com teorizações complicadas. É uma questão simples, de bom senso. Por isso, podemos rejeitar tudo o mais: religião, ideologia, toda sabedoria recebida. Mas não podemos deixar de escapar a necessidade de amor e compaixão.
-----------	---

Na *avaliação* demonstra seu ponto de vista através de afirmações com o verbo “ser”, conclui empregando a estratégia de aproximação do “nós inclusivo”, modaliza o seu discurso empregando formas verbais perifrásticas como em “podemos rejeitar” e “não podemos deixar de”, utiliza o operador “mas” para finalizar com o seu argumento mais forte, de que não devemos nos afastar dos sentimentos de amor e compaixão. Retoma a idéia presente nos textos iniciais sobre a crítica à religião, ideologia e ao conhecimento.

Educação

Na página 46, encontramos o texto que trata sobre Educação e a visão de Dalai-Lama sobre a dimensão do que é ensinar. Neste texto, novamente, aparece a construção da sentença com o verbo “ser”, dando-nos a impressão constante de que seu texto tenta passar ao leitor novos conceitos sobre palavras já conhecidas, mas diferentemente empregadas na vida de seus leitores. Vejamos:

Definição pessoal	Educação é muito mais do que transmitir conhecimentos e habilidades por meio dos quais se atingem objetivos limitados. É também abrir os olhos das crianças para as necessidades dos outros.
-------------------	--

Para verificarmos se Dalai-Lama aproxima-se da definição dada pelo dicionário, selecionamos alguns significados para compararmos.

Definição prévia	Educação – ato ou processo de educar (-se). 2. processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social; 3. instrução, ensino; 4. aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas; 5. conhecimento e prática dos usos da sociedade; civilidade, delicadeza, polidez, cortesia (Houaiss:1100).
------------------	---

A definição de Dalai-Lama apresenta relação com a definição do dicionário quanto ao aperfeiçoamento integral de todas as faculdades

humanas, conhecimento e prática dos usos da sociedade, tais como: civilidade, delicadeza, polidez e cortesia.

Necessidade	Precisamos mostrar às crianças que suas ações têm uma dimensão universal. E precisamos encontrar uma forma de estimular seus sentimentos naturais de empatia para que venham a ter uma noção de responsabilidade afetiva em relação aos outros.
-------------	---

A estratégia empregada neste fragmento é a de aproximação com o público leitor através do uso do “nós inclusivo” e de formas verbais perifrásticas, como em “precisamos mostrar” e “precisamos encontrar”. Verificamos o uso da modalização como uma forma do locutor legitimar o seu discurso, manifestando o seu saber e tentando fazer o interlocutor aderir a ele.

Reforço	Pois é isso que nos motiva a agir.
---------	------------------------------------

No *reforço* encontramos a sua percepção de que a ação é necessária para que as crianças tenham a possibilidade de aprender não só o conhecimento científico, mas também os valores que fazem parte da vida em sociedade. Os valores são questões importantes dentro do budismo, pois, quando listamos, no capítulo de revisão, os princípios budistas, verificamos que os budistas baseiam-se na vivência e na pregação de determinados valores como amor, respeito, paciência, compaixão, verdade, serenidade, discernimento, dever.

Amor

Na página 84, o mestre budista apresenta ao leitor o grau de importância da necessidade do amor na vida de todas as pessoas. Busca aproximação com o leitor através do emprego do “nós inclusivo”. Relaciona a prática do amor a algumas das Dez Perfeições budistas, tais como doação e carinho.

Declaração inicial	Praticamente todos nós recebemos das nossas mães as lições básicas sobre como viver em paz, pois a necessidade do amor é o próprio fundamento da existência humana.
--------------------	---

Em “praticamente” Dalai-Lama utiliza um marcador fazendo o leitor pensar que nem todos nós recebemos amor e lições básicas de nossas mães como deveríamos. Apresenta o seu argumento mais forte justificando que “a necessidade do amor é o próprio fundamento da existência humana”, ou seja, estamos aqui para “amarmos uns aos outros”, aproximando-se da visão da religião católica e da doação e do carinho encontrados nas Dez Perfeições budistas.

Explicação	Desde os primeiros estágios de nosso crescimento, somos completamente dependentes dos cuidados maternos, e é muito importante que as mães demonstrem o seu amor a seus filhos.
------------	--

Na *explicação*, o Dalai-Lama reforça ao leitor a visão de que o amor materno é de suma importância para o desenvolvimento do ser humano. Salaria ao leitor a sua opinião através do emprego do marcador de atitude “é muito importante que” e do marcador enfático “completamente”.

Avaliação	Se as crianças não recebem a devida atenção, em geral, quando adultas, têm dificuldade de amar seus semelhantes.
-----------	--

Na *avaliação*, apresenta-nos sua conclusão final através de uma sentença condicional, em que a “devida atenção” (condição dada a realização da oração condicionante) estaria diretamente ligada à dificuldade ou facilidade de “amar seus semelhantes” (a realização da oração condicionada).

Estado de espírito

No *Estado de espírito*, texto retirado da página 91, o Dalai-Lama irá apresentar dois princípios budistas, “A verdadeira Resolução” e “A verdadeira Contemplação”. Ambos tratam da atitude de ser calmo em todos os momentos da vida.

Declaração inicial	Nosso estado de espírito desempenha papel importante não apenas nos acontecimentos do nosso cotidiano mas na nossa saúde física e espiritual.
--------------------	---

Na *declaração inicial*, Dalai-Lama emprega o uso do “nós inclusivo”, estratégia esta de manter proximidade e contato com o leitor. Relaciona o estado de espírito com a saúde do corpo e da mente humanas. Percebemos, neste fragmento, uma das metas das pregações budistas – a paz interior, alcançada, segundo o budismo, pela introspecção, pela renúncia e pela compaixão.

Condição	Se uma pessoa é de temperamento calmo e estável, essas características influenciam a sua opinião e sua conduta em relação ao semelhante.
----------	--

Na *condição*, Dalai-Lama apresenta a realização da oração condicionante seguida da realização da condicionada. Reforça novamente os dois princípios budistas mencionados anteriormente.

Avaliação	Não tenho a menor dúvida que, se o ser humano mantiver um estado de espírito pacificador e sereno, os acontecimentos externos só lhe poderão causar aborrecimentos sem importância.
-----------	---

Na *avaliação*, encontramos um marcador ilocucionário em “não tenho a menor dúvida que”, legitimando o que Dalai-Lama diz ao público leitor. Exclui-se do grupo “humanos”, como forma de expressão, quando afirma que “se o

ser humano mantiver um estado de espírito pacificador e sereno, os acontecimentos externos só lhe poderão causar aborrecimentos sem importância”, pois se coloca num estágio de desenvolvimento espiritual superior. Emprega a construção condicional, em que a potencialidade da oração condicionante segue-se à eventualidade da oração condicionada, a fim de fazer o leitor pensar nos resultados da sua ação e fazê-lo agir conforme as suas orientações para atingir o equilíbrio tão desejado.

Paciência

Quando Dalai-Lama discorre sobre a paciência, na página 41, está falando na verdade sobre uma das Dez Perfeições budistas. Relaciona-a ao equilíbrio emocional e ao desenvolvimento e aperfeiçoamento do indivíduo. Podemos considerá-la como uma das virtudes mais importantes encontradas no budismo, pois, segundo ele, é através dela que conseguimos controlar emoções negativas, como, por exemplo, a raiva.

Declaração inicial	A prática da paciência traz uma estabilidade emocional que não só nos faz mais fortes mental e espiritualmente, como mais saudáveis fisicamente.
--------------------	--

Na *declaração inicial*, encontramos explicitamente o que a prática da paciência significa para aqueles que seguem as orientações budistas.

Justificativa	Sem dúvida, atribuo a boa saúde de que desfruto a uma mente em geral calma e serena. Entretanto, o benefício mais importante da paciência consiste em sua ação como um antídoto poderoso ao mal da raiva, a maior ameaça à nossa paz interior e, conseqüentemente, à nossa felicidade.
---------------	--

Na fase de justificativa da declaração inicial, apresenta-se como modelo de paciência, iniciando o parágrafo por um marcador enfático “sem dúvida” e

um marcador ilocucionário “atribuo”, estratégias estas de legitimar o que está dizendo, enquanto autoridade dentro do budismo. Do “eu”, ser perfeito, passa para o “nós inclusivo”, quando se refere à ameaça à paz interior, buscando, assim, adesão ao que está dizendo.

Definição pessoal	A paciência é o melhor recurso de que dispomos para nos defendermos inteiramente dos efeitos destrutivos da raiva.
-------------------	--

Definição prévia	Paciência –1. qualidade do que é paciente. 2. virtude que consiste em suportar as dissabores, incômodos, infortúnios, etc., sem queixas e com resignação. 3. perseverança tranqüila. 4. conformação (p.) 5.capacidade de persistir numa atividade difícil, suportando incômodos e dificuldades, constância, perseverança, calma para esperar o que tarda (Houaiss:2101).
------------------	---

Comparando as duas definições, percebemos que apresentam certa relação. Quando o Dalai-Lama afirma ser “um recurso para nos defendermos da raiva”, podemos relacionar a definição de paciência encontrada no dicionário como a virtude que consiste em suportar infortúnios sem queixas e resignação.

Advertência	Pensem bem: a riqueza não protege ninguém da raiva. Nem a educação, por mais talentosa e inteligente que a pessoa seja. A lei, muito menos, pode ser de qualquer ajuda. E a fama é inútil. Só a proteção interior do autocontrole paciente evita que experimentemos o tumulto das emoções e pensamentos negativos.
-------------	--

Na *advertência*, o Dalai-Lama dirige-se diretamente ao leitor, usando o imperativo, emprega marcadores de atitude como uma estratégia de legitimar o que está dizendo, modaliza as proposições quando se refere à lei, empregando o verbo “poder” e, mais uma vez, apresenta ao leitor sua visão budista de vida. Retoma as idéias presentes no comentário final dos oito princípios budistas: “não creiais em coisa alguma pelo fato de vos mostrarem o testemunho escrito

de algum sábio antigo” (referindo-se à educação) e “não creiais em coisa alguma com base na autoridade de mestres e sacerdotes” (referindo-se à lei).

Bondade

Na página 78, o Dalai-Lama fala da importância de ensinarmos para as crianças a prática da bondade. A bondade pode ser encontrada no oitavo princípio budista “O Verdadeiro Esforço”: procurar sempre o que é bom e afastar-se do que é mau”.

Definição pessoal	A bondade é a pedra angular da paz e harmonia familiar.
-------------------	---

Definição prévia	Bondade – qualidade de quem tem a alma nobre e generosa, é sensível ao males do próximo e naturalmente inclinado a fazer o bem, benevolência, indulgência, benignidade, clemência. 1.1 ação que reflete atributos. 2. qualidade do que é muito bem feito, bem elaborado ou de grande utilidade. 3. atitude amável, cortês, delicadeza, brandura, doçura (Houaiss:486).
------------------	--

Se compararmos as duas definições, perceberemos que o Dalai-Lama faz uso de uma linguagem metafórica, ao passo que o dicionário utiliza uma linguagem denotativa referindo-se à bondade como benevolência, indulgência, clemência e brandura. O Dalai-Lama apresenta-a como elemento essencial para a paz e harmonia, e o dicionário não a relaciona com a palavra paz ou harmonia. Mas pode-se fazer a relação de que, para que haja paz e harmonia, são necessárias a benevolência, a indulgência e a clemência.

Conselho	As famílias que estão no exílio precisam ensinar esta virtude aos seus filhos.
----------	--

Neste trecho, verificamos a referência às famílias exiladas em função da situação política entre a China e o Tibete e a manifestação do desejo de sua

santidade, o Dalai-Lama, de que as famílias ensinem seus descendentes a praticarem a bondade, apesar do sofrimento que devem estar sentindo por terem sido exiladas de seu país.

Advertência	Elas devem ser o primeiro guia espiritual das crianças.
-------------	---

Na *advertência*, o Dalai-Lama modaliza seu discurso através do emprego do verbo dever, e enfatiza a importância da família como guia espiritual das crianças. Retoma o princípio budista de que não se deve crer em falsos profetas, mestres ou sacerdotes.

4.2 Avaliações sobre a sociedade

A sociedade ocidental

Na página 103, Dalai-Lama apresenta-nos um comentário sobre como vê a sociedade ocidental. Neste comentário, destaca pontos positivos e negativos, apresenta-nos sua avaliação final sobre eles.

Declaração inicial	De modo geral, encontrei muitas coisas admiráveis na sociedade ocidental.
--------------------	---

Na *declaração inicial*, com o elogio, busca ampliar o seu carisma com o público leitor ocidental, partindo de uma generalização, apresentada em “de um modo geral”.

Apresentação de prós e contras	Em especial, admiro sua energia, sua criatividade e sua fome de conhecimento. Por outro lado, diversas coisas na maneira de viver ocidental causam-me preocupação. Uma delas é o fato de as pessoas terem uma tendência para pensar em termos de “tudo ou nada” ou “isto ou aquilo”, o que significa ignorar a interdependência e a relatividade das coisas.
--------------------------------	--

Nos *prós e contras* inicia pelos pontos positivos, como estratégia de captação, legitima seu discurso através do emprego do marcador de atitude “admiro”. Introduce o aspecto negativo através do conector lógico temporal “por outro lado”, Dalai-Lama julga a forma de pensar ocidental de “tudo ou nada” como um aspecto negativo devido à sua visão budista de se cultivar a paciência e controlar a emoção, ou seja, evitar o imediatismo e as ações impensadas. E deixa claro ao público leitor que não apresenta apenas uma preocupação, mas “diversas”, em especial a destacada no texto. Utiliza linguagem metafórica como em “fome de conhecimento”, como um meio de chamar a atenção do leitor.

Avaliação	Entre dois pontos de vista, costumam não levar em conta as posições intermediárias.
-----------	---

Na *avaliação* procura explicar a sua posição anterior ao leitor através do exemplo, e generaliza a ação cometida pelas pessoas que pertencem à sociedade ocidental como radicais e não ponderadas.

Essa reflexão nos faz perceber a diferença da visão do Dalai-Lama com a visão de Chagas (2001,2002) e Dumont (1985) sobre sociedade Moderna e Pós-Moderna, porque nestas o indivíduo age com rapidez, busca o aperfeiçoamento individual e o sucesso material; já os princípios budistas pregam a doação, a compaixão, a paciência, a serenidade e a introspecção.

A sociedade moderna

No texto sobre a sociedade industrial moderna, na página 101, o Dalai-Lama critica o estilo de vida moderno e pós-moderno. Não faz referência à pós-modernidade, mas utiliza características da sociedade moderna que podemos encontrar de forma bastante acentuada e constante na vida do indivíduo pós-

moderno, levando em consideração a visão de Chagas (2002) de um mundo transitório, veloz e globalizado.

Declaração inicial	A sociedade industrial moderna às vezes me dá a impressão de ser uma imensa máquina autopropulsionada.
--------------------	--

Neste trecho Dalai-Lama emprega o marcador “às vezes” para suavizar a sua afirmação sobre a sociedade industrial moderna e o marcador ilocucionário “me dá a impressão de”, a fim de legitimar o que diz.

Explicação	Ao invés de os seres humanos acionarem a máquina, cada indivíduo torna-se um pequeno componente insignificante sem outra opção a não ser mover-se quando a máquina move.
------------	--

Na *explicação*, Dalai-Lama apresenta ao leitor a imagem idêntica do homem moderno e pós-moderno, ou seja, de um ser que segue em ritmo acelerado a vida da forma que ela determina o que ele tem de ser e fazer, semelhante às colocações de Chagas (2001:21) de que “o homem pós-moderno deve adequar-se aos ideais do mundo capitalista para alcançar o sucesso e a realização pessoal”.

É importante salientar que Dalai-Lama posiciona-se de forma oposta a essa idéia, pois acredita na felicidade através da comunhão e bem comum, fugindo dos padrões de uma parte dos livros de auto-ajuda, pois eles intensificam a idéia do indivíduo auto-suficiente e aproximando-se das orientações do movimento *New Age*.

Avaliação	O que gera essa situação é a retórica contemporânea de crescimento e desenvolvimento econômico, que reforça intensamente a tendência das pessoas para a competitividade e a inveja. E com isso vem a percepção da necessidade de manter as aparências – por si só uma importante fonte de problemas, tensões e infelicidade.
-----------	--

Na *avaliação*, podemos verificar o que Dumont (1985:20-21) afirma de que “o indivíduo atual tende a transcender o social, procurando encontrar meios próprios para se manter no social de maneira estritamente individual”, fechando com a idéia de Dalai-Lama sobre a tendência das pessoas à competitividade e a necessidade de manter as aparências. Para Dalai-Lama seria este o problema que causa tensões e infelicidade.

Na página 102, Dalai-Lama vai reforçar ao leitor a sua visão sobre o individualismo da sociedade moderna.

Reforço	A meu ver, criamos uma sociedade em que as pessoas acham cada vez mais difícil demonstrar um mínimo de afeto aos outros. Em vez da noção de comunidade e da sensação de fazer parte de um grupo, uma característica que achamos tão reconfortante nas sociedades menos afluentes, encontramos um alto grau de solidão e perda de laços afetivos.
---------	--

Através do marcador ilocucionário “a meu ver”, percebemos claramente a posição de Dalai-Lama quanto ao homem individualista e a sociedade em que vivemos, posicionando-se contra essa característica, embora comum em vários livros de auto-ajuda. Estes objetivam o aperfeiçoamento individual do leitor, a fim de fazê-lo destacar-se na comunidade em que vive, como alguém geralmente seguro e auto-suficiente.

Embora *O caminho da tranqüilidade* esteja classificado como auto-ajuda e apresente características desse gênero, o Dalai-Lama deseja que o leitor busque a felicidade na vida em comunidade, fazendo o bem aos outros, meditando e perdoando. Para isso, utiliza o “nós inclusivo”, sinalizando que ele também faz parte dessa sociedade individualista, mas que busca, através dos valores budistas, humanizá-la.

O poder da mídia

Na página 72, encontramos uma crítica do Dalai-Lama ao poder da mídia e, de uma certa forma, a toda e qualquer autoridade arbitrária e irresponsável.

Declaração inicial	O poder da mídia, seja ele exercido de forma direta ou indireta, é verdadeiramente um poder: ela atua sobre nós, modifica nosso comportamento, nossos gostos e, provavelmente, até nossos pensamentos.
--------------------	--

Na *declaração inicial*, enfatiza seu ponto de vista através do uso do marcador enfático “verdadeiramente” e, ao mesmo tempo, suaviza o seu dizer com a colocação de um não-enfático em “provavelmente”. Emprega o “nós inclusivo”, pois se encontra em exílio, exatamente pelo exercício de poder da China sobre seu país, ou seja, também faz parte da massa que sofre o abuso de poder.

Comparação	Como qualquer manifestação de autoridade, não pode ser aplicado de forma aleatória, pois corre o risco de se tornar arbitrário e irresponsável. Tal poder obriga os profissionais da mídia a assumirem um grau de responsabilidade comparável àquele exercido por religiosos e políticos. A seu próprio modo, contribuem para a criação e manutenção de uma comunidade humana.
------------	--

Na *comparação* apresenta ao leitor sua visão sobre o poder e a manifestação de autoridade, demonstrando-se contrário ao poder exercido por religiosos e políticos, fazendo-nos lembrar da determinação budista de “não creiais em coisa alguma com base na autoridade de mestres e sacerdotes”.

Avaliação	O bem-estar dessa comunidade deve ser sua maior preocupação.
-----------	--

Conclui seu pensamento utilizando a construção verbal perifrástica em “dever ser” e apresentando-nos a idéia de que o bem-estar comum é que deve ser a maior das preocupações de quem está no poder.

As preocupações com o poder da mídia são retomadas no texto a que chamamos de “Sensacionalismo na mídia”.

O sensacionalismo na mídia

Na página 73, Dalai-Lama faz um comentário sobre o sensacionalismo da mídia. Na sua opinião, os meios de comunicação revelam mais as notícias negativas do que as positivas, o que, segundo ele, poderiam persuadir-nos de que há mais violência e agressividade no mundo do que coisas boas.

Declaração inicial	Quando os meios de comunicação se concentram demasiadamente nos aspectos negativos da natureza humana, há o perigo de nos persuadirem de que a violência e a agressividade são as principais características do homem.
--------------------	--

Na *declaração inicial*, o Dalai-Lama parece estar alertando o seu leitor sobre a forma que os meios de comunicação vendem suas notícias, ou seja, chamando a atenção das pessoas pelos aspectos negativos publicados. Emprega um marcador enfático em “demasiadamente” e o “nós inclusivo”, estratégia de captação da atenção do leitor e, ao mesmo tempo, de aproximação deste.

Visão pessoal	Creio que essa conclusão é um equívoco. O fato de a violência ter tanto valor como notícia sugere exatamente o oposto.
---------------	--

Na *visão pessoal*, o Dalai-Lama utiliza um verbo de julgamento, “creio”, como forma de legitimar o que está dizendo. Emprega o marcador de atitude “é um equívoco” para captar a atenção do leitor. E finaliza, enfatizando a

informação apresentada com a presença de um marcador enfático “exatamente”; assim, o leitor não terá dúvidas sobre a sua opinião.

Avaliação	As notícias positivas não chamam tanto a atenção porque há um excesso de notícias positivas. Há sem dúvida muitos atos de violência sendo cometidos ao mesmo tempo, mas em número muito menor.
-----------	--

Na *avaliação*, percebemos a crítica de Dalai-Lama quanto ao sensacionalismo da mídia, que busca propagar a violência com reportagens que tratem do sofrimento humano, tais como os desastres e as mortes, a fim de chamar a atenção do público. Dalai-Lama acredita que há violência, mas que as notícias boas são em número maior.

No texto da página 74, o mestre budista reforça a teoria de que a espécie humana apresentaria uma natureza pacífica, pois, se buscássemos a agressividade, “teríamos nascido com garras e dentes afiados”. Podemos relacionar o seu interesse por enfatizar que há mais coisas boas do que más no mundo com a sua formação budista e esta pode ser verificada através dos oito princípios, tais como “A Verdadeira Palavra, A Verdadeira Ocupação e a Verdadeira Contemplação”.

Os políticos

Na página 71, Dalai-Lama escreve sobre os políticos em geral, de como eles precisam da religião e de orientação para governarem adequadamente, procurando o bem-estar de todos e não o seu próprio bem.

Declaração inicial	Os políticos precisam muito da religião, mais até do que um ermitão em isolamento.
--------------------	--

O Dalai-Lama faz uma comparação entre os políticos e um ermitão, dramatizando o conteúdo da sua informação com objetivo de captar a atenção do seu leitor.

Procura conscientizar seu leitor não só sobre os valores como amor, bondade, perdão, compaixão e paciência, mas também sobre os reflexos negativos de todo poder mal conduzido ou desenvolvido.

Avaliação	Se um ermitão pratica o mal, o único a sair ferido é ele mesmo. Mas, se uma pessoa que detém o poder de influenciar diretamente o destino da sociedade age por mal, então o prejuízo será grande porque atingirá muitas pessoas.
-----------	--

Na *avaliação*, o Dalai-Lama emprega uma oração condicional em que, dada a realização da oração condicionante, segue-se, necessariamente, a realização da oração condicionada. Estabelece um contraste através do emprego do marcador do discurso “mas” para apresentar uma idéia contrária à anterior. Explica para o leitor que, se um ermitão pratica o mal, o faz somente para si mesmo, mas, se nossos governantes o fizerem, todos seremos prejudicados.

A justiça

No texto rotulado de *A justiça*, na página 111, percebemos uma crítica do Dalai-Lama à falta de justiça no mundo em função da falta de reflexão. Associa o ato de refletir à valorização e respeito pela justiça, além de afirmar com convicção de que a sua valoração é inata, principalmente nas crianças, mas que ao longo da vida acabam desenvolvendo uma porção de atitudes e condicionamentos errados.

Declaração inicial	Se uma pessoa sensata costuma refletir profundamente, é inevitável que respeite a justiça.
--------------------	--

De acordo com essa afirmação, percebemos que o Dalai-Lama valoriza a reflexão e também o ato de praticar e respeitar a justiça. Utiliza um marcador de atitude em “é inevitável” para que o leitor perceba claramente que a reflexão é necessária para que as pessoas não cometam atos impensados ou insensatos e desacatem a justiça.

Constatação	Nas crianças, encontramos o que é natural ao caráter do homem. À medida que crescem, porém, desenvolvem uma porção de atitudes e condicionamentos errados.
-------------	--

Na *constatação*, verificamos a idéia de Dalai-Lama de pureza da criança e associação da corrupção dela com a vivência em sociedade.

Percebe-se que o escritor critica mais uma vez a vida moderna e que ela seja a razão da mudança na índole do indivíduo, fazendo-o cometer atos ilícitos por falta de reflexão ou discernimento.

Avaliação	Sinto muitas vezes que há mais veracidade e honestidade nas crianças pequenas do que nos adultos e, no contato com elas, encontro muitas razões para confiar na coragem do ser humano e na natureza humana de modo geral.
-----------	---

Na *avaliação* encontramos um depoimento de Dalai-Lama sobre o tópico em questão, através dos marcadores ilocucionários “sinto muitas vezes que” e “encontro muitas razões para”. O objetivo do escritor parece ser o de buscar proximidade com o leitor e através dela compartilhar da mesma opinião. Em vários outros excertos, percebemos a mesma intenção, o mestre budista expressa sua opinião em primeira pessoa e faz o leitor pensar que o que diz enquanto autoridade espiritual deve ter algum valor.

4.2.3 Instruções e exemplos para o aperfeiçoamento pessoal e da sociedade

Conduta pessoal

No texto denominado *Conduta pessoal*, encontramos a visão de Dalai-Lama sobre o modo de agir que as pessoas, de uma forma geral, deveriam adotar em sua vida. Percebemos em sua declaração um certo tom de superioridade e de autoridade no assunto.

Declaração inicial	Constato que, de modo geral, as pessoas cuja conduta é eticamente positiva são mais felizes e satisfeitas do que aquelas que se descuidam da ética.
--------------------	---

Na *declaração inicial*, o Dalai-Lama utiliza o marcador ilocucionário “constato que” para legitimar o seu discurso, faz uma comparação entre as pessoas éticas e não éticas, induz o leitor a escolher o grupo ao qual pertence e refletir sobre suas ações. Retoma o terceiro e o quarto princípios budistas: “A Verdadeira Palavra: nunca mentir, nunca difamar ninguém e nunca usar linguagem grosseira ou áspera” e “O Verdadeiro Comportamento: nunca roubar, nunca fazer nada de que uma pessoa possa mais tarde arrepender-se ou envergonhar-se”.

Avaliação	Isso confirma minha convicção de que, se pudermos reorientar nossos pensamentos e emoções e reordenar nosso comportamento, não só aprenderemos a lidar mais facilmente com o sofrimento, como seremos capazes também, acima de tudo, de impedir o surgimento de uma porção significativa dele.
-----------	--

Na *avaliação*, utiliza o marcador ilocucionário “isso confirma minha convicção de que”, sinalizando ao leitor explicitamente o que pensa. Emprega a construção de orações condicionais em que apresenta a potencialidade da oração condicionante à eventualidade da condicionada. Modaliza seu discurso através das formas verbais perifrásticas em “pudermos reorientar” e “seremos

capazes também, acima de tudo, de impedir”. Retoma o sétimo princípio budista “A Verdadeira Contemplação: ser sempre calmo e não se permitir pensamentos que sejam dominados pela alegria ou pela tristeza”.

Inspiração para ação

Na página 52, Dalai-Lama apresenta explicitamente as suas intenções para o leitor. Menciona que, através da leitura de seus textos, o leitor terá a possibilidade de ser mais compassivo na sua rotina diária e terá um senso de responsabilidade maior pelos outros, retoma, desta forma, as Dez Perfeições em relação à doação, paciência e serenidade.

Quando instrui o leitor de que este é capaz de agir a partir do que leu em seus escritos, podemos relacionar o que diz com a teoria de Chagas (2001,2002) e Dumont (1985) sobre o indivíduo que busca desenvolver-se sozinho, ou seja, através da leitura das orientações de Dalai-Lama.

Interpelação	Minha esperança é que, se você leitor se sensibilizar com o que está escrito aqui, vai procurar ser compassivo em seu dia-a-dia e, movido pela noção de responsabilidade pelos outros, fará o possível para ajudá-los.
--------------	--

O Dalai-Lama, através do emprego do marcador “Minha esperança é”, dirige-se ao leitor apresentando o seu desejo de que ele faça uma determinada leitura do que o líder budista escreve, guia este leitor ao caminho que ele, enquanto mestre budista, quer que o leitor percorra. Novamente utiliza uma oração condicional, apresentando ações que estão diretamente ligadas ao tipo de vida que apresenta através da potencialidade da oração condicionante à eventualidade da oração condicionada.

Instrução	Mesmo com pequenos gestos. De acordo com seus próprios recursos e reconhecendo as limitações de suas circunstâncias, você fará o que puder.
-----------	---

Na *Instrução*, o Dalai-Lama especifica ao leitor, de forma simples, o que este pode fazer para tornar-se uma pessoa melhor. Acrescenta, de forma imperativa, a ação do leitor frente as suas orientações em “você fará o que puder”. Retoma um dos oito princípios budistas, ou seja, “O Verdadeiro Esforço: procurar sempre o que é bom e afastar-se do que é mau”. Novamente percebemos que o Mestre Budista instrui o leitor a auto-ajudar-se.

Avaliação	E se alguns dias suas ações forem mais compassivas do que em outros, aceite este fato como normal.
-----------	--

Na *Avaliação*, Dalai-Lama utiliza novamente a estratégia de construção da oração condicional, desta vez com intenção de demonstrar ao leitor que no decurso da vida, todos temos momentos em que somos mais compassivos do que em outros, e que este fato deve ser aceito como normal. Fala num tom de conhecimento próprio que pode ser percebido no momento que utiliza o imperativo “aceite”.

Visão do outro

Em *Visão do outro*, o Dalai-Lama tenta motivar o leitor a engajar-se na sua filosofia de vida através da legitimidade proporcionada pelo emprego do marcador ilocucionário “descobri”. Busca captar o interesse do leitor pelo tópico descoberto - a paz interior.

Declaração inicial	Descobri que o mais alto grau de paz interior decorre da prática do amor e da compaixão.
--------------------	--

Na *declaração inicial*, salienta sua descoberta pelo emprego de “o mais alto grau de paz interior”, retomando a questão budista sobre o “Nirvana”, que seria a perda da individualidade e a completa liberação de anseios, um estado de elevação espiritual. Com esta afirmação, capta o público leitor, pois se

acredita que quem lê *O caminho da tranquilidade* busque encontrar um meio de atingir a paz de espírito.

Constatação	Quanto mais nos importamos com a felicidade de nossos semelhantes, maior o nosso próprio bem-estar.
-------------	---

Na *Constatação* apresenta uma receita de como atingirmos o estado de paz de espírito. Se fizermos o bem aos nossos semelhantes, essas ações causarão o nosso próprio bem estar. O que o texto acima afirma relaciona-se com o segundo princípio budista “A Verdadeira resolução”: ser sempre calmo e nunca fazer dano a nenhuma criatura”.

Diferentemente do perfil apresentado pelos que estudam o comportamento do homem moderno e pós-moderno (Chagas,2001,2002 e Dumont,1985), verificamos que o Dalai-Lama busca inserir o indivíduo na coletividade e prega que a felicidade só pode ser alcançada quando se abre mão do bem exclusivamente pessoal.

Orientação	Ao cultivarmos um sentimento profundo e carinhoso pelos outros, passamos para um estado de serenidade.
------------	--

Na *orientação*, Dalai-Lama apresenta o uso do “nós inclusivo”, buscando proximidade com o público leitor. Afirma que, se adotarmos determinada atitude, atingiremos um estado de serenidade. Retoma algumas das Dez Perfeições budistas, tais como doação, carinho e serenidade.

Avaliação	Esta é a principal fonte da felicidade.
-----------	---

Na *avaliação* apresenta claramente a fonte da felicidade, relacionando nesta palavra elementos mencionados em seu texto, tais como a prática do amor, do carinho e da compaixão.

Responsabilidade universal

Na página 108, o Dalai-Lama inicia seu texto por um marcador ilocucionário e um verbo de julgamento, buscando, assim, o contato inicial com o leitor.

Declaração inicial	Creio que, para enfrentar o desafio do próximo século, todos os homens terão de desenvolver uma noção mais ampla de responsabilidade universal.
--------------------	---

Apresenta-nos uma questão bastante discutida pelos estudiosos da modernidade e pós-modernidade, ou seja, o mundo racional, técnico, científico e individualista e coloca como desafio a mudança de atitude para o benefício de todos. Salienta a necessidade da busca pela responsabilidade universal e menos individualista. Exclui-se do grupo “todos os homens” e apresenta-se ao leitor num estágio superior de evolução.

Instrução	Cada um de nós precisa aprender a trabalhar não apenas para si próprio, para sua família ou para sua nação, mas para o benefício de toda humanidade.
-----------	--

Na *Instrução*, Dalai-Lama apresenta o “nós inclusivo” como meio de aproximação com os leitores. Elenca as ações a serem praticadas para benefício da humanidade, instruindo o leitor de como fazer para contribuir. O que destaca neste texto refere-se às Dez Perfeições, mais precisamente a doação, dever e compaixão.

Advertência	Já se foi o tempo em que podíamos pensar em termos de “minha nação” ou “meu país”. A responsabilidade universal é a verdadeira resposta para a questão da sobrevivência humana.
-------------	---

Na *advertência*, a expressão “Já se foi o tempo em que” antecipa a idéia de que temos de mudar nosso ponto de vista a respeito das concepções de que o coletivo precede o individual. Declara que a humanidade só vai sobreviver se houver responsabilidade universal.

Avaliação	Grandes movimentos de cunho humanístico costumam nascer de iniciativas individuais. Portanto, é o trabalho do indivíduo para o bem-estar comum que faz a diferença.
-----------	---

Na *avaliação* destaca o valor de grandes movimentos que partiram de uma pessoa só, mostrando a responsabilidade que cada um tem na transformação coletiva.

Transformação do mundo

No texto denominado “Transformação do mundo”, da página 10, que é retomado na página 115, o guia espiritual se dirige diretamente ao leitor, através do pronome “você”, apresentando a seqüência de passos básica a ser obedecida na busca da transformação do mundo. O movimento equivale ao de uma pedra jogada na água que forma círculos cada vez maiores: mudança interior individual → mudança da família → mudança do mundo.

Em forma de estrutura condicional, é levantada a hipótese a ser analisada pelo leitor: você quer transformar o mundo? Logo em seguida, vem a instrução, em forma de imperativo: então, em primeiro lugar, mude o seu interior. Em outras palavras, dada a realização da oração condicionante, segue-se, necessariamente, a realização da oração condicionada. Este texto foi rotulado de *transformação*.

Interpelação	Se você quer transformar o mundo, experimente primeiro promover o seu aperfeiçoamento pessoal e realizar inovações no seu próprio interior.
--------------	---

As alterações individuais nessa perspectiva, vão acarretar alterações no meio, que são avaliadas favoravelmente (mudanças “positivas”):

Conseqüências	Estas atitudes se refletirão em mudanças positivas no seu ambiente familiar. Deste ponto em diante, as mudanças se expandirão em proporções cada vez maiores.
---------------	---

Finalmente, são explicitadas as relações de causa e efeito que regulam quaisquer relações entre o indivíduo e o mundo:

Avaliação	Tudo o que fazemos produz efeito, causa algum impacto.
-----------	--

Na parte final do livro, novamente ocorre uma interpelação direta do leitor para cumprir a tarefa de ser feliz, estabelecendo, com clareza, o Eu e o Tu do discurso:

Interpelação	Uno minhas mãos e apelo a você, leitor, para que torne o resto de sua vida tão significativo quanto possível.
--------------	---

Segue-se uma instrução para realizar a sua meta, prevendo uma possibilidade de não-realização, através de uma oração condicional:

Instrução	Faça isso através da prática espiritual, se puder.
-----------	--

O escritor refere-se explicitamente à sua obra, considerando-a capaz de esclarecer as dúvidas do leitor:

Menção à obra	Como espero ter deixado claro, não há nada misterioso nisso.
---------------	--

No segmento final, as instruções são resumidas, e, mais uma vez, é enfatizada a preocupação com os outros como base da felicidade individual.

Reforço	Consiste apenas em agir levando os outros em consideração. E se você o fizer como sinceridade e persistência, pouco a pouco, passo a passo, será capaz de reordenar seus hábitos e atitudes e pensar menos em seu pequeno mundo de interesses e mais nos interesses de todas as outras pessoas. E encontrará paz e felicidade para si mesmo.
---------	--

Com essas análises, procuramos dar destaque para os temas, as formas de composição e o estilo de um escritor que se dedica à tarefa de divulgar um gênero – o livro de auto-ajuda espiritual.

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi investigar como se organiza o livro de auto-ajuda espiritual, como o escritor apresenta ao leitor os conceitos fundamentais que vão basear seus conselhos e como são vistas as inter-relações entre religião, espiritualidade e auto-ajuda.

Em diversos pontos do livro, o autor de *O caminho da tranqüilidade*, Sua Santidade – o Dalai-Lama, descreve-se como uma figura simples e ao mesmo tempo conhecedora das carências humanas. Dirige-se a um leitor-alvo que busca a felicidade e a paz interior.

Ao longo da análise, foram se revelando os temas relativos às Dez Perfeições budistas, tais como doação, dever, renúncia, discernimento, coragem, paciência, verdade, resolução, carinho e serenidade. Também se revelou ao leitor a situação de submissão do Tibete em relação à China.

Através de seus textos, o Dalai-Lama manifestou-se contrário à rapidez, ao materialismo e ao individualismo da vida pós-moderna e não orientou especificamente seu leitor a buscar o sucesso ou a felicidade sozinho, sem se preocupar com o próximo. Pelo contrário, suas orientações sempre colocaram o Outro como alvo fundamental das ações individuais. Nesse ponto distancia-se de características consideradas importantes nos livros de auto-ajuda, ou seja, a busca pelo aperfeiçoamento individual e o desejo do indivíduo de tornar-se auto-suficiente.

Em entrevista à revista *Época* (16-06-03) sobre o real objetivo de publicação de suas obra, o Dalai-Lama declarou: “Tenho o interesse em promover o diálogo inter-religioso e a paz mundial, mas não converter as pessoas ao budismo”. Ao pregar a prática da compaixão, da bondade, do amor ao próximo, da paciência, do perdão, dialogou, realmente, com as religiões. Mas, em suas lições, deixou bem claro que a religião está ligada a dogmas, rituais; por sua vez, é a espiritualidade que está relacionada com as qualidades do espírito humano como amor, compaixão, perdão.

Para analisar o modo de organização dos textos foram fundamentais as contribuições de Eggins e Askehave. A atribuição de títulos às mensagens e rótulos aos segmentos textuais possibilitou verificar os diversos procedimentos usados pelo Dalai-Lama para divulgar seus princípios: declarar, justificar, definir, avaliar, rejeitar, elogiar, criticar, concordar, aconselhar.

Ao segmentar as partes do livro, verificamos que partes como, por exemplo, o prefácio e o agradecimento constituíam gêneros em si mesmos. A partir daí, incluímos o gênero “optação” (que se organiza em forma de explicitação de propósitos individuais), na constituição do livro de auto-ajuda espiritual.

Na apresentação de conceitos, visões e orientações espirituais com base nos princípios budistas, foram usadas diversas estratégias para captar a atenção do leitor. Entre elas foi possível confirmar os procedimentos discutidos por Askehave, como as recontextualizações e as metáforas. As definições pessoais dos termos, muitas vezes, estavam em desacordo com o conhecimento prévio dos leitores. As metáforas serviram como procedimentos para “dramatizar” os conceitos (nas palavras de Charaudeau), aproximando noções abstratas das experiências já vivenciadas pelos leitores.

Aplicando o modelo de Charaudeau – que descreve estratégias discursivas de um sujeito – ao caso em questão, vemos que o monge budista utilizou procedimentos diferentes para aproximar-se do seu público ou distanciar-se dele. Quando empregava pronominalização inclusiva, modalização atenuada, aproximava-se do leitor, dividia suas preocupações. Quando adotava construções no imperativo e modalidades categóricas, fixava sua autoridade, provocando um certo distanciamento necessário para desempenhar o papel de mestre. Havia alternância de papéis: ora era um escritor experiente, dirigindo-se a um leitor inexperiente em busca de orientações, ora era um humilde servidor dos que sofrem. As construções condicionais foram importantes para levantar as hipóteses na mente do leitor e conduzi-los a determinadas conclusões.

O recorrente uso do argumento de autoridade e dos exemplos pessoais como norteadores de condutas entram, por vezes, em desacordo com um princípio budista que declara explicitamente: “Não creiais em coisa alguma com base na autoridade de mestres e sacerdotes”. Como explicar e conciliar essas posições é uma possibilidade para um estudo posterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES ([1964]). *Arte Retórica e Arte Poética*. São Paulo: Difel. (Clássicos Garnier).

ASKEHAVE, I. (2004). If language is a game – these are the rules: a search into the rethoric of the spiritual self-help book *If Life is a Game – these are the rules*. *Discourse & Society*, v. 15, n. 1, p. 5-31.

BAUMAN, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

BAKHTIN, M. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

BAZERMAN, C. (2005). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez.

CHAGAS, A. (2001). *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social*. 2. ed. Ijuí, RS: Unijuí.

CHAGAS, A. (2002). *O sujeito imaginário no discurso de auto-ajuda*. Ijuí, RS: Unijuí.

CHARAUDEAU, P. (1992). *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette.

_____. (2002). A communicative conception of discourse. *Discourse Studies*, v. 4, n. 3, p. 301-318.

DALAI-LAMA. (2000). *O caminho da tranquilidade*. São Paulo: Sextante.

DUMONT, L. (1985). *O individualismo: uma perspectiva antropológica da cultura moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter, 1994.

FAIRGLOUGH, N. (1994). *Language and power*. England: Longman.

FOLHA DE S. PAULO (2004). Fórmulas simplistas empobrecem livros de auto-ajuda. Disponível em <http://www.cbl.org.br>. Acesso em 23 abr. 2005.

GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 17. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

GIUSTI, C. (2004). *Teoria e prática dos prefácios: estudo sobre os prefácios de Tutaméia*. Disponível em <<http://www.litteraturbank.cjb.net>>. Acesso em 23 maio 2004.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOPPLE, W. J. V. (1985). Some exploratory discourse on metadiscourse. *College Composition and Communication*, v. 36, n. 1, feb., p. 82-93.

LIVRARIA SICILIANO. Disponível em <http://www.siciliano.com.br>. Acesso em maio de 2004.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. (1996). *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.

PEREIRA, P. *Revista Época*, São Paulo, p. 71-75, 16 jun. 2003.

REBOUL, O. (2000). *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes.

SMART, B. (1993). *A pós-modernidade*. Lisboa: Publicações Europa-América.

SWALES, J. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

TAVARES, H. *Teoria literária*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

VEJA. O Lama mudou de idéia. 23 mar. 2005, p. 79.

<www.10emtudo.com.br/artigos-1.asp?codigoartigo65-15>. Acesso em 11 mar. 2004.

<www.mb-soft.com/believe/tto/buddhism.htm>. Acesso em 11 mar. 2004.